



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS LARANJEIRAS
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

**AS ESCOLHAS DO TEMPO NA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO
VITÓRIA RÉGIA I, XINGÓ**

EUNICE NASCIMENTO DANTAS

Laranjeiras, 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS LARANJEIRAS
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

AS ESCOLHAS DO TEMPO NA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO VITÓRIA
RÉGIA I, XINGÓ

Eunice Nascimento Dantas

Trabalho de Conclusão de Curso em
Bacharelado em Arqueologia.

Orientador: Dr. Fernando Ozório de Almeida

Laranjeiras

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

902 DANTAS, Eunice Nascimento.

AS ESCOLHAS DO TEMPO NA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA I, XINGÓ. I [manuscrito] / Eunice Nascimento Dantas. – 2018.

75f.: il. ; 30 cm.

Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

“Orientação: Prof. Dr. Fernando Ozório de Almeida”.

1. *Arqueologia do baixo São Francisco*. 2. *Cadeia Operatória Cerâmica*. 3. *Análise Cronológica*. 4. *Região de Xingó* I. Almeida, Fernando Ozório.
II. Título.

CDU: 902

Bibliotecária responsável: Luciane Alves Santini - CRB 10/1837

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DA APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO

BANCA EXAMINADORA

Dr. Fernando Ozório de Almeida (Orientador)

Universidade Federal de Sergipe – DARQ

1º Examinador: Dr. Paulo Jobim de Campos Mello

Universidade Federal de Sergipe – DARQ

2º Examinador: Dra. Daniela Magalhães Klökler

Universidade Federal de Sergipe – DARQ



LAPSO - Laboratório de Paisagem e Sociedade

Dedico este trabalho ao meu vô, Theophilo Dantas, que tanto apoiou e incentivou o meu crescimento profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, palavra linda!

Agradeço à Deus, por ter me tornado uma mulher decidida, que sempre lutou pelos sonhos. Minha eterna gratidão aos meus pais, Luiz Carlos e Gleide Selma, por todo o apoio e aceitação das minhas escolhas, à minha irmã, minha luz linda, minha calmaria, Luiza Carla.

À minha vó Joscelina (*in memória*), às minhas primas Vanessa, Emyli, minha afilhada Anna Beatriz, minhas tias Emília e Gorete, meus padrinhos Ana Paula e Jefferson, obrigada por todo apoio.

À Luís Paulo, que esteve presente ao meu lado em todos os ciclos dessa grande empreitada pessoal e acadêmica.

Aos meus pets amigos Flock, Hulk e Cristal, que sempre estiveram comigo nas alegrias, nas angústias e nas noites de leituras.

Às minhas amigas de infância Caroline Oliveira, Alessandra Brito, Luciana Nunes e Karine Nunes, agradeço por torcerem por cada conquista minha e por me ajudarem em todos os momentos dessa fase da minha vida.

À Clara Reis, minha irmã de alma, por toda paciência, todo apoio, todas as oportunidades e trocas de experiências profissionais.

À Priscyla Fernanda, pela amizade, cumplicidade, minha gratidão por essa pessoa que sempre buscou me fazer bem.

Às minhas lindas Jacqueline Barreto e Izabella Melo, Giuliana Jubillut, Bruna Oliveira, pessoas de luz que só me trazem coisas boas e que levarei para toda a vida.

À Carolina Sousa, pessoa linda que aprendi bastante, modelo de profissional. Serei eternamente grata por tudo.

Às minhas meninas, Lycia Macley e Aíres Barbosa, minhas “quero-quero”, meus presentinhos da Arqueologia, gratidão. Vocês são lindas e maravilhosas.

À Felipe Neves pelas longas conversas e trocas de experiências arqueológicas.

Aos meus queridos, Bruna Silva, Danilo Rodrigues, Hiago Marcos e Márcia Rodrigues, meus companheiros das primeiras aventuras de projetos científico, Gratidão meus amores!!!

À Victor Silva, Thauan Silva, Anthony André, meninos de ouro do meu Brasil!

À galera da CAJUFS, em especial Francisco, gratidão pela confiança!

À “galera da caatinga”, nosso primeiro campo juntos, por toda união envolvida, risadas e caminhando no sol escaldante do lindo sertão: Ericá Castro, Vinicius Pedra, Thiago e Ana Carolina.

À linda Carol do Pará, minha companheira de risadas, gratidão pela amizade construída e experiências vividas, da Arqueologia para a Vida!

À todos os colegas que fazem parte do LAPSO, por toda vivência, troca de experiências: Sandra Nunes, Ivan Paiva e Adriana Schuster.

Ao pessoal da equipe do MAX, em especial Railda Nascimento, cujo suporte foi necessário para a realização desse trabalho.

Ao pessoal da UFS, em especial Carlos, pessoa maravilhosa e sempre disposta a ajudar.

Ao meu Orientador Fernando Ozório, gratidão pela paciência, confiança, oportunidades, ensinamentos e apoio ao longo dessa jornada.

Aos professores do curso por seus ensinamentos, em especial Daniela Klökler, Suely Amâncio, Paulo Jobim, Márcia Barbosa e Leandro Duran.

Gratidão!

RESUMO

O presente trabalho oferece uma análise da cerâmica do sítio Vitória Régia I, localizado no baixo São Francisco, município de Canindé de São Francisco, região de Xingó. Buscou-se compreender e caracterizar os processos de produção cerâmica desse sítio através da análise dos seus atributos ao longo dos níveis de escavação e do contexto arqueológico da área. Através da bibliografia disponível, documentação de campo, análise laboratorial e comparação com os demais sítios adjacentes, mapeamos as características do registro arqueológico sob o qual nos debruçamos. As continuidades e mudanças apresentadas pelo sítio Vitória Régia I, cristalizadas nas escolhas dos indivíduos e de uma coletividade que ali estiveram, possivelmente demonstram uma prática milenar de se fazer cerâmica. Isso porque, além de possuir uma data que indica a ocupação do sítio em um período anterior ao início da era cristã, o sítio apresenta algumas evidências de que seguiu sendo utilizado depois do início dos contatos com os europeus. Ao mesmo tempo, não se identificou nenhuma grande ruptura no registro. Portanto, durante esse período o tempo parece ter mantido uma incrível constância na forma de fazer cerâmica no sítio.

Palavras chaves: *Arqueologia do baixo São Francisco; Cadeia Operatória Cerâmica; Análise Cronológica; Região de Xingó.*

ABSTRACT

In this research we present an analysis of the ceramics from the Victoria Regia I site. The latter used to lay on the right bank of the São Francisco River, city of Canindé do São Francisco, in the Xingó Region. We sought to understand and characterize the ceramic production processes of this site through the analysis of the attributes from different excavation levels and regional archaeological context. Using the available bibliography, fieldwork documentation, laboratorial analysis, and the comparison with nearby sites, we mapped the characteristics of the archaeological record with which we worked. The continuities and changes over time presented by the Vitória Régia I site, crystallized in the choices undertaken by the individuals and the collectivity which inhabited the place, possibly demonstrate a millenary practice of ceramic producing. This because, besides having a date which indicates that the site was occupied in a period before the beginning of the Cristian era, the site has a few evidences that it continued to be occupied in the post-contact period. At the same time, there seems to have been no signs of rupture in the record. Hence, during this period, time seems to have maintained an incredible consistency in the making of ceramics in this site

Key-words: *Archaeology of the Lower São Francisco; Ceramic Chaîne opératoire, Chronological Analysis; Xingó Region.*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	9
ABSTRACT	10
SUMARIO	11
LISTAS DE TABELAS	12
LISTAS DE FIGURAS	13
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 – O PONTO DE PARTIDA: O SÍTIO VITÓRIA RÉGIA I E O SEU ENTORNO	22
DESVENDANDO O VITÓRIA RÉGIA I	24
UM OLHAR SOBRE O SÍTIO	27
CAPÍTULO 2 – CERÂMICA DO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA I: HISTÓRIA DA PRODUÇÃO DE UM VASO DE 2.000 ANOS DO BAIXO SÃO FRANCISCO	31
CONCEITUANDO A PRODUÇÃO CERÂMICA	31
MÉTODOS DE ANÁLISE	33
A COLEÇÃO DO VITÓRIA RÉGIA I E SUA ANÁLISE.....	36
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE INTRA E INTERSÍTIOS DOS FRAGMENTOS CERÂMICOS	49
CONSIDERAÇÕES	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
ANEXOS.....	67

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Dados indicando as estruturas de combustão e manchas do sítio Vitória Régia I....	30
Tabela 2 - Quantificação do material cerâmico do sítio Vitória Régia I	34
Tabela 3 - Quantificação do material e porcentagens.....	37
Tabela 4 – Tabela com os códigos aplicados na análise do tipo de queima da cerâmica.....	47

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição dos sítios com vestígios cerâmicos PAX - Montante (Mapa Relatório Final do PAX sobreposto no Google Earth – Adaptado por: Dantas, Reis 2018).....	17
FIGURA 2 - MAPA REPRESENTANDO O ENTORNO DO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA (AUTORAS: CLARA REIS;EUNICE DANTAS, 2018).	18
Figura 3 - PERFIL TOPOGRÁFICO DOS SÍTIOS VITÓRIA RÉGIA I E III (FONTE: FAGUNDES, 2007).	19
Figura 4 – área dos sítios vitória régia nos dias atuais (fonte:Google Earth).....	20
Figura 5 - LUNA (2012) apud ALMEIDA;KATTER (2017).....	23
Figura 6 - Mapa da escavação do sítio vitória régia i. Modificado de Luna (2001).....	26
Figura 7 - MAPA COM TODOS OS SÍTIOS DO PAX (Fonte: Leite, 2016).....	29
Figura 8 - Gráfico com a quantificação em porcentagens da coleção em estudo.....	38
Figura 9 - Técnica de manufatura da coleção vitória régia i.	39
Figura 10 - Gráfico com a distribuição de técnica de manufatura por nível.	40
Figura 11 – Gráfico com a distribuição dos antiplásticos do sítio por tipo.	41
Figura 12 – Gráficos para tratamentos de superfície entre os níveis.....	42
Figura 13 - Gráfico com as decorações plásticas da coleção.	43
Figura 14 - Motivos pintados ou incisos em todos os níveis.....	44
Figura 15 - Gráficos com graus de alisamento.	45
Figura 16 - Gráfico com as morfologias de bordas no sítio.	46
Figura 17 - Dispersão da formas de bordas entre os níveis 1 a 9.	46
Figura 18 - Gráfico com a distribuição do tipo de queima por níveis do sítio.	48
Figura 19 - Cerâmica esmaltada	50
Figura 20 - Cerâmica ponteadas.....	50
Figura 21 –Fragmento cerâmico com incisões (Foto/desenho: eunice dantas, 2018).	51
Figura 22 -Fragmentos cerâmicos roletados com face interna alisada.	51

Figura 23 – Fragmentos cerâmicos com decoração plástica inciso fino.	51
Figura 24 – Borda com decoração entalhado no lábio.	52
Figura 25- Fragmento de borda com possível furo.....	53
Figura 26 - Cerâmica com quebra, remontada, em parte, em laboratório. Na quebra é possível observar o provável furo.....	53
Figura 27 - Detalhe do provável furo do fragmento de borda da foto anterior.	54
Figura 28 - Bordas mal retocadas não retilíneas, possuindo sinuosidades.....	54
Figura 29 - Fragmento de borda extrovertida - fotografia para maior detalhe.....	56
Figura 30 – Fotografia por Schuster(2018) demonstrando semelhança entre a cerâmica indígena Xokó(a) e a cerâmica arqueológica do sítio Cipó(b).	57

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma releitura, revisando parte do que se conhece sobre as cerâmicas arqueológicas da região de Xingó, no baixo rio São Francisco. Trata-se de um complexo particular de práticas oleiras cuja profundidade cultural se estende do Holoceno Médio ao presente, uma vez que comunidades indígenas e ribeirinhas prosseguem realizando tais práticas (LUNA, 2005).

A arqueologia do baixo rio São Francisco está intimamente relacionada com os estudos decorrentes da implantação da Usina Hidrelétrica de Xingó (UHE), pesquisas estas finalizadas há mais de dez anos. O Projeto Arqueológico de Xingó (PAX) foi criado por meio de Convênio da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) e a Universidade Federal de Sergipe, no ano de 1989, por conta da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó (VERGNE, 2004). Apesar da grande quantidade de dados levantados, pode-se argumentar que a arqueologia de Xingó ainda carece de uma síntese interpretativa para seus vestígios, objetivo central esse do Projeto Baixo São Francisco (PROBASÃO) (ALMEIDA & KLÖKLER, 2016) e outras pesquisas em curso, vinculadas ao mesmo projeto.

Dentre as possibilidades analíticas está uma releitura sobre o papel da cerâmica para essas populações pretéritas. Arqueologicamente, a cerâmica sempre possuiu um caráter secundário nesta região que possui datações bastante antigas - com cerca de 9 mil anos -, cemitérios indígenas monumentais, e um universo riquíssimo de sítios rupestres (VERGNE, 2004). Quando se lembra dela, geralmente é em um contexto específico. Desde os trabalhos acadêmicos às vitrines da exposição do Museu de Arqueologia de Xingó, as cerâmicas quase sempre estão vinculadas aos contextos funerários do sítio Justino, o principal sítio escavado durante o PAX (Cf. DANTAS; LIMA, 2006). Entretanto, pouco se sabe sobre os cacos cerâmicos desse sítio e dos demais sítios da região.

O presente estudo visa, portanto, não só trazer uma abordagem para além dos rituais mortuários, como pretende apresentar melhor um dos sítios escavados pelo PAX, mas que foram poucos discutidos pelas pesquisas realizadas. As pesquisas realizadas até o momento (e.g. LUNA 2002; MARTIM, 1998; PROUS, 1991), ressaltaram uma particularidade para a

cerâmica de Xingó, não sendo possível encaixá-la em nenhuma das grandes tradições arqueológicas regionais (e.g. Aratu e Tupi-Guarani). Apesar de não discordarmos desse caráter particular da cerâmica regional já foi possível inferir sobre a proximidade entre as cerâmicas funerárias de Xingó com as da Tradição Una do alto São Francisco (HENRIQUES Jr., 2012; ALMEIDA; KATER, 2017). Restando responder então, o que de fato muda dentro desse mundo particular da cerâmica de Xingó ao longo da sua história milenar, e os possíveis significados para essas mudanças.

A releitura será realizada através de uma caracterização das cerâmicas do Sítio Arqueológico Vitória Régia I, também escavado durante o PAX, e que está localizado na região do município de Canindé de São Francisco coordenadas UTM 8.942.160,215/624.280,193. O sítio se encontrava na fazenda homônima, em um amplo terraço constituído basicamente de areia e silte, com elevação de 8,24 metros do nível do mar, na confluência do riacho Portão e o rio São Francisco (FAGUNDES, 2007). O sítio Vitória Régia I faz parte dos 34 sítios do PAX que possuem vestígios cerâmicos (Figuras 1 e 2).

O sítio foco dessa pesquisa faz parte de um complexo contendo outros três sítios (Vitória Régia II, III e IV). O sítio Vitória II, estava situado em um terraço relativamente plano, elevado, à altura 8,24 metros, na confluência do rio São Francisco com o riacho Portão. O sítio Vitória Régia III possuía o mesmo tipo de implantação com a altura de também 8,24 metros. Já o Sítio Vitória Régia IV possuía, também, o mesmo tipo de implantação, porém está situado em um terraço recuado e pouco elevado, à altura de 5,20 metros. Todos os sítios desse complexo foram referidos por constituir formação sedimentar de grãos de areias e silte¹.

Na tentativa de entender a formação dos sítios do complexo Vitória Régia, apresentamos abaixo a estrutura do perfil topográfico do Vitória Régia I e III (Figura 3) extraído de Fagundes (2007). Podemos observar que o sítio Vitória Régia III encontrava-se em um patamar mais alto e o I mais baixo. As fontes bibliográficas apontam que ambos estavam relacionados à depósito coluvial.

¹ Relatório Final do PAX(1998)

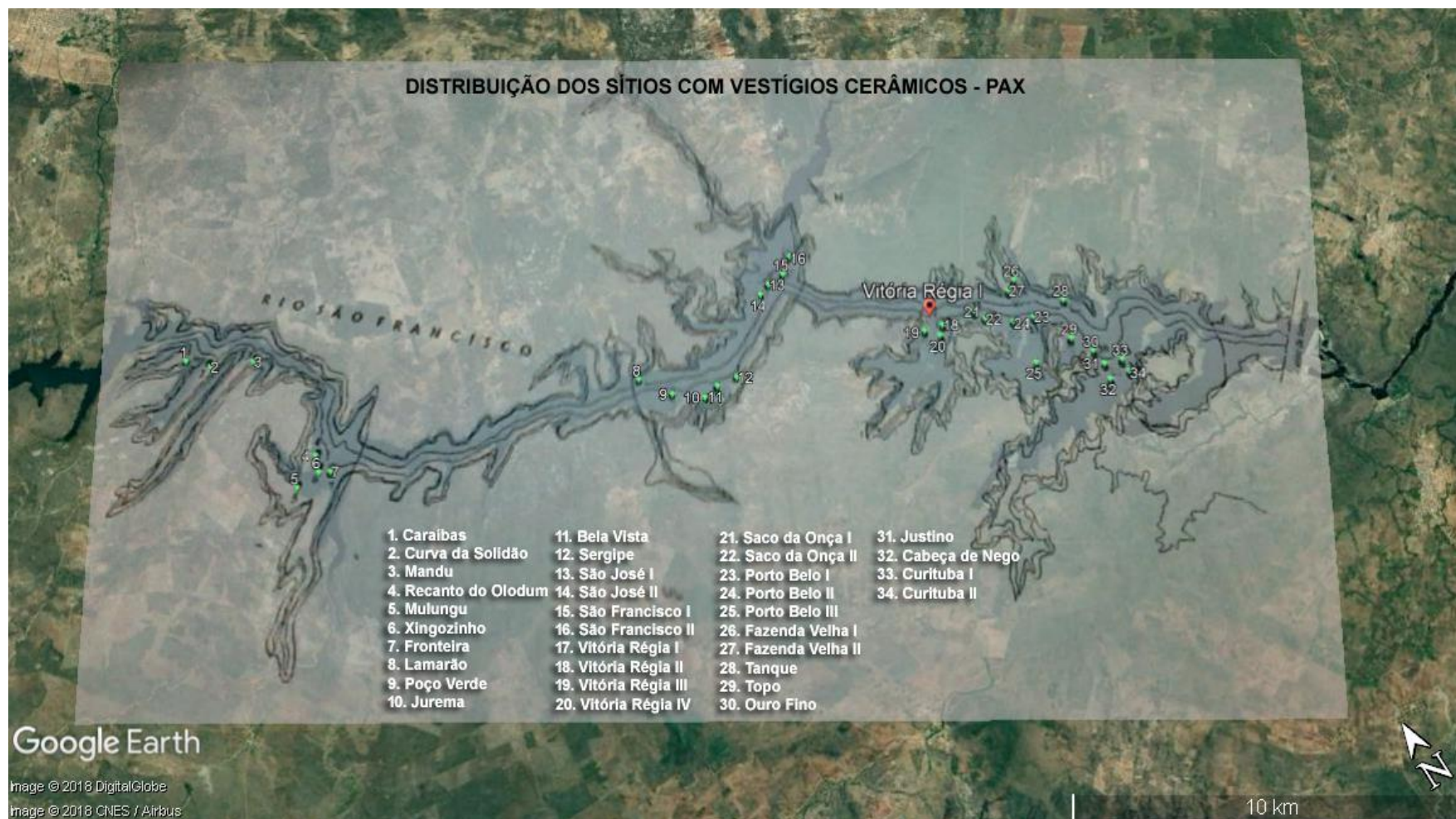


FIGURA 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS COM VESTÍGIOS CERÂMICOS PAX - MONTANTE (MAPA RELATÓRIO FINAL DO PAX SOBREPOSTO NO GOOGLE EARTH – ADAPTADO POR: DANTAS, REIS 2018).

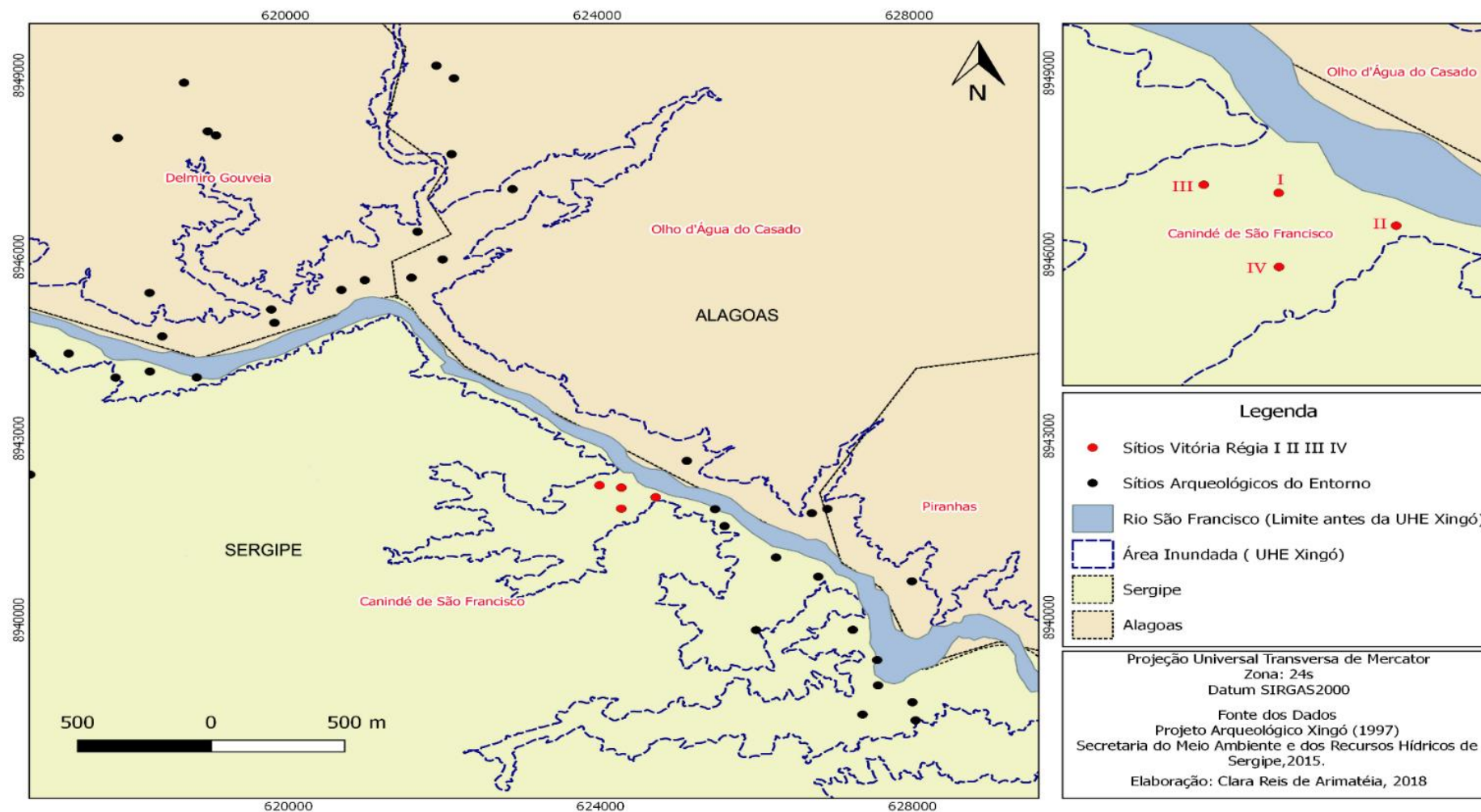


FIGURA 2 - MAPA REPRESENTANDO O ENTORNO DO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA (AUTORAS: CLARA REIS;EUNICE DANTAS, 2018).

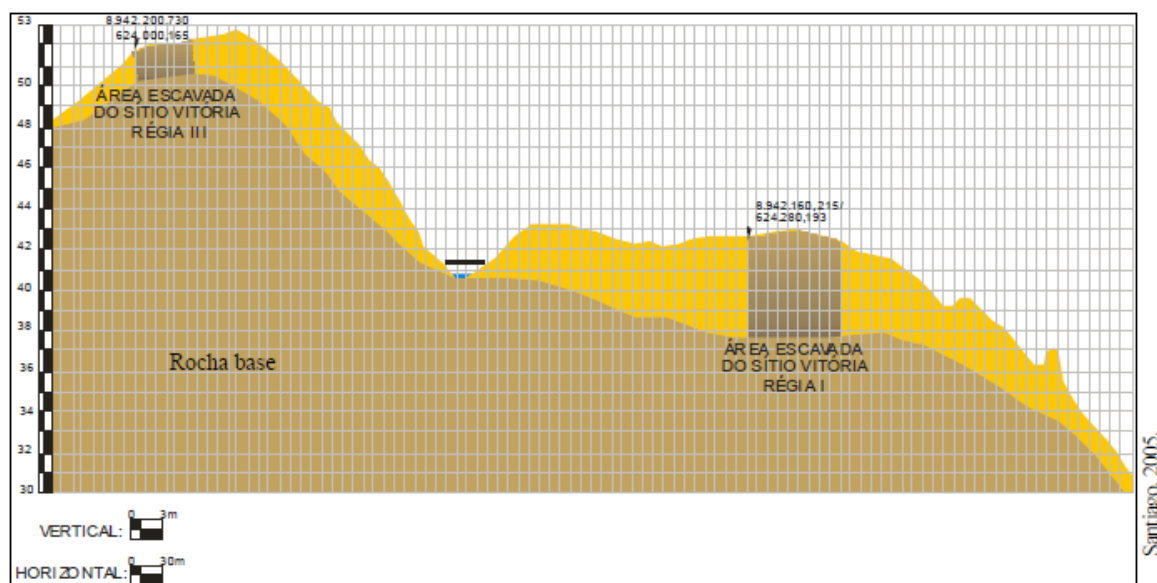


FIGURA 3 - PERFIL TOPOGRÁFICO DOS SÍTIOS VITÓRIA RÉGIA I E III (FONTE: FAGUNDES, 2007).

De acordo com o perfil topográfico, o Sítio Vitória Régia I estava localizado no compartimento topográfico composto por vale, o qual é associado ao riacho Portão. No perfil topográfico é possível visualizar que o sítio estava implantado em coberturas sedimentares com espessura cerca de 4,5 metros. Na mesma figura pode-se observar o Sítio Vitória Régia III, nas porção mais alta, com coberturas sedimentares com espessura cerca de 2 metros. Não temos referências para os demais perfis dos sítios II e IV. Sendo assim, não dispomos dos dados para a distância dos sítio Vitória Régia I em relação aos outros sítios e ao riacho Portão, pois a área dos sítios está inundada atualmente, assim não podendo mais entender como estaria esse perfil nos dias atuais, fez-se aqui a imagem da área onde este perfil foi feito. (ver Figura 4).



FIGURA 4 – ÁREA DOS SÍTIOS VITÓRIA RÉGIA NOS DIAS ATUAIS (FONTE:GOOGLE EARTH).

Até o momento, o sítio Vitória Régia I possui uma datação de 2240 ± 389 anos A. P., obtida a partir de fragmento de cerâmica localizado no nível 6, a 90 cm de profundidade (SANTOS; MUNITA, 2007), pelo método de termoluminescência. O sítio Porto Belo I, localizado a poucos quilômetros de distância com uma indústria cerâmica muito semelhante à do sítio Vitória Régia I, possui datas de 342 ± 51 e 2003 ± 195 anos A.P. (SANTOS; MUNITA, 2007). Essas datas podem ser consistente indicador tanto da antiguidade da cerâmica local quanto da sua persistência temporal. Nesse sentido é fundamental indicar de que os estudos que citam esse sítio não apresentam indícios cronológicos, como o sítio Porto Belo I (SANTOS; MUNITA, 2007), nem de cultura material, como o sítio Cipó (SCHUSTER, 2018), que permitam afirmar de partida que o lugar foi ocupado durante o período colonial. Essa premissa será questionada no Capítulo 3.

Tendo em vista esses dados, o questionamento principal durante essa pesquisa foi como analisar o material cerâmico, visando o entendimento da história indígena de longa duração (e.g. CORREIA, 2013; NOELI, 1996; ALMEIDA; KATTER, 2017; MORAES, 2007; LOPES, 2018; KATER, 2018; GARCIA, 2018, 2012) na região do Baixo São Francisco, por meio da análise cerâmica do Sítio Vitória Régia I. Sendo assim, através do material cerâmico do sítio, tentamos entender o tipo de cerâmica que foi produzida pelos

grupos que ali viveram, e como as semelhanças e diferenças dessa indústria pode nos iluminar elementos sobre essas pessoas.

A pesquisa ficou dividida da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentaremos o Sítio Vitória Régia I, seu entorno e uma visão geral da área de pesquisa (Capítulo 1). No capítulo seguinte, apresentamos a cerâmica analisada, sem antes apresentar os pressupostos teóricos e os métodos e as técnicas de análise utilizadas nesta pesquisa (Capítulo 2). Segue-se então uma discussão dos resultados encontrados na análise da cerâmica e algumas comparações com outros sítios encontrados na região (Capítulo 3). Apontamos na parte final desse trabalho o que podemos aprender sobre a cerâmica do Vitória Régia I em relação ao contexto de cerâmicas do Baixo São Francisco.

CAPITULO 1 – O PONTO DE PARTIDA: O SÍTIO VITÓRIA RÉGIA I E O SEU ENTORNO

O Rio São Francisco é um complexo fluvial que se destaca tanto nas terras baixas da América do sul. Seu curso de água percorre 2.800 km no território brasileiro (SILVIA et al., 2003). Ele nasce no estado de Minas Gerais (Serra da Canastra), em sua extensão corta o estado da Bahia, servindo de fronteira natural com Pernambuco e estabelece limites entre os estados de Sergipe e Alagoas, onde fica sua foz com o Oceano Atlântico (HOLANDA, 2007).

Segundo Martin (1998), a Bacia do São Francisco foi povoada por grupos pré-coloniais desde fins do Pleistoceno. Pesquisas arqueológicas realizadas nas regiões do alto São Francisco (HENRIQUES Jr., 2012; KOOLE, 2007) e médio curso do rio (CALDERÓN, 1967; CARVALHO 2007; FAGUNDES, 2007; MARTIN, 2005; VERGNE, 2007) têm colaborado na observação de fragmentos de histórias das sociedades humanas durante o período de 10 mil anos.

Pouco se tem estudado sobre as condições paleoambientais entre o submédio e baixo São Francisco, principalmente em nossa área de pesquisa. De qualquer forma, o que se pode afirmar é que o clima semiárido já era presente nesta região a partir do final do pleistoceno (AB’SABER, 1997). Refletiu-se, ao longo do tempo, o significado da relação entre ambiente e a ocupação do (s) grupo(s). Assim:

Adiantando nossas proposições para compreensão da pré-história do Baixo São Francisco, mais precisamente das populações que ocuparam durante quase oito milênios a região do canyon entre Paulo Afonso – BA e Piranhas – AL; acreditamos que há peculiaridades na paisagem que concederam a essas ocupações um caráter peculiar em relação às conhecidas arqueologicamente para o restante do Nordeste brasileiro, inclusive a região do médio e submédio São Francisco. Essa paisagem, nesse caso, faria parte da rede de significações do grupo (ou grupos) e, portanto, sendo aqui compreendida como uma construção social (FAGUNDES, 2007, p.7).

Com base em pesquisas anteriores referentes ao baixo São Francisco, foi possível uma retomada nos estudos das análises dos materiais provenientes da escavação do PAX, do qual o Sítio Vitória Régia I faz parte. A interpretação do contexto através da análise da cerâmica

arqueológica constituiu um desafio. Manufatura, utilização, reciclagem e/ou descartes, só podem ser apreciados por análises em laboratório. Todos os estágios acima mencionados somados ao processo de formação do sítio são a chave de compreensão da vida das pessoas e coisas que habitaram esse espaço em alguma parte do tempo (LEROI-GOURHAN, 1984; SELLET, 1989; BALFET, 1991; SCHIFFER; SKIBO, 1997; BLEED, 2001). Assim:

Compreender as tecnologias das populações no passado é um dos objetivos da pesquisa arqueológica. Trata-se de tentar reconstituir o ciclo de produção dos objetos cerâmicos, desde a seleção e preparo da matéria-prima, o processo de manufatura, as técnicas de queima e a elaboração dos acabamentos de superfície, além de definir seus usos e reusos, as estratégias de armazenagem e as formas de distribuição de artefatos e, finalmente de explicar as razões para o seu descarte (SILVA, 2016, p.41).

Conforme exposto acima e se pode ver pela descrição abaixo (Figura 5), trata-se da compreensão de uma indústria regional particular, uma indústria encaixada dentro de um universo corrugado representado pela cerâmica Tupi-Guarani da foz do São Francisco e a cerâmica híbrida e não datada Cabrobó do médio baixo São Francisco (ALMEIDA; KATER, 2017).

Tradição/ Fase	Descrição	Localização	Cronologia	Filiação Linguística
Xingó	Cerâmica acordelada e/ou modelada, com antiplástico de areia; formas pequenas e médias, com contorno simples aberto. A queima é redutora, com paredes escuras. Decorações incisas, escovadas, corrugadas (raras). Presença de cachimbos cerâmicos. Existem urnas Funerárias e cerâmicas associadas a enterramentos primários.	Cachoeira de Xingó	4000-500AP	Macro-Jê?
Tupi-Guarani	Acordelada, com antiplástico de areia ou caco moído. Vasos com grande diversidade morfológica (presença de ângulos), de decorações plásticas (corrugados, unguados, incisos) e pinturas (vermelho, preto e branco).	Foz do São Francisco (?)	1100-400AP	Tupi-Guarani
Cabrobó	Acordelada, com antiplástico de areia, decoração corrugada unguada, espatulada e acanalada. Vasilhas esféricas e semi-esféricas, com contorno simples, com capacidade volumétrica média ou grande.	Ilhas do Médio São Francisco	?	?

FIGURA 5 - LUNA (2012) APUD ALMEIDA;KATTER (2017).

DESVENDANDO O VITÓRIA RÉGIA I

Os métodos de campo aplicados nas intervenções arqueológicas em Xingó, segundo o relatório do PAX (1997), podem ser classificadas em três fases:

- 1- Levantamento e diagnóstico;
- 2- Prospecção sistemática;
- 3- Sondagens.

Nos sítios onde foram realizadas as sondagens² primeiro eram escolhidas uma ou mais áreas, geralmente conforme a visibilidade dos vestígios em superfície (quando existentes) ou conforme os resultados observados nas intervenções anteriores na área do então projeto vigente. A principal finalidade dessa metodologia era possibilitar a visualização minuciosa da estratificação do sítio, assim, os pesquisadores coletavam dados para intervenções maiores futuramente (VERGNE, 2004). Para escavações, na época, os pesquisadores optaram pela realização de níveis artificiais (ou arbitrários) demarcados a cada 10 cm (no caso do sítio Topo), 15 cm (Vitória Régia I) e a cada 20 cm (os demais sítios do PAX) (VERGNE, 2004).

No sítio Vitória Régia I foram abertas duas trincheiras na margem esquerda do riacho, uma transversal com 2m x 45m (equivalente a 90m²) e outra paralela com 2m x 19 m (equivalente a 38m²) (ver Figura 6) . A primeira apresentou uma profundidade de 4,50 metros e a segunda com 1,75 metros. Sendo escavada em níveis artificiais a cada 15 cm uma área total de 128m². Essas trincheiras foram subdivididas em quadrículas de 1m x 1m, recebendo as seguintes denominações:

² As sondagens representam quadrículas com diferentes espaçamentos variando de 1 a 25 m² de sítio para sítio.

- Trincheira Transversal – A/Aac-9/10 com 17 níveis³;
- Trincheira Paralela- Aj/AI-1/19 com 8 níveis.

Sobre as intervenções em Trincheiras Transversais, Fagundes (2007) descreve como:

[...] intervenções arbitrárias (no sentido que não seguiram a deposição natural do sedimento), seria incoerente chamar de decapagens os níveis arqueológicos dos sítios onde foram realizadas apenas sondagens. Logo, definiu-se por camadas a intervenção artificial realizada nos sítios arqueológicos, variando entre 10 e 20 cm de profundidade (FAGUNDES, 2007, p164).

³ A documentação original do PAX se refere ao que entendemos por nível utilizando-se do termo camada. Porém em nossas fichas de análise e ao longo do texto optamos por respeitar a ideia de níveis definidos, conforme efetivamente os sítios foram escavados.

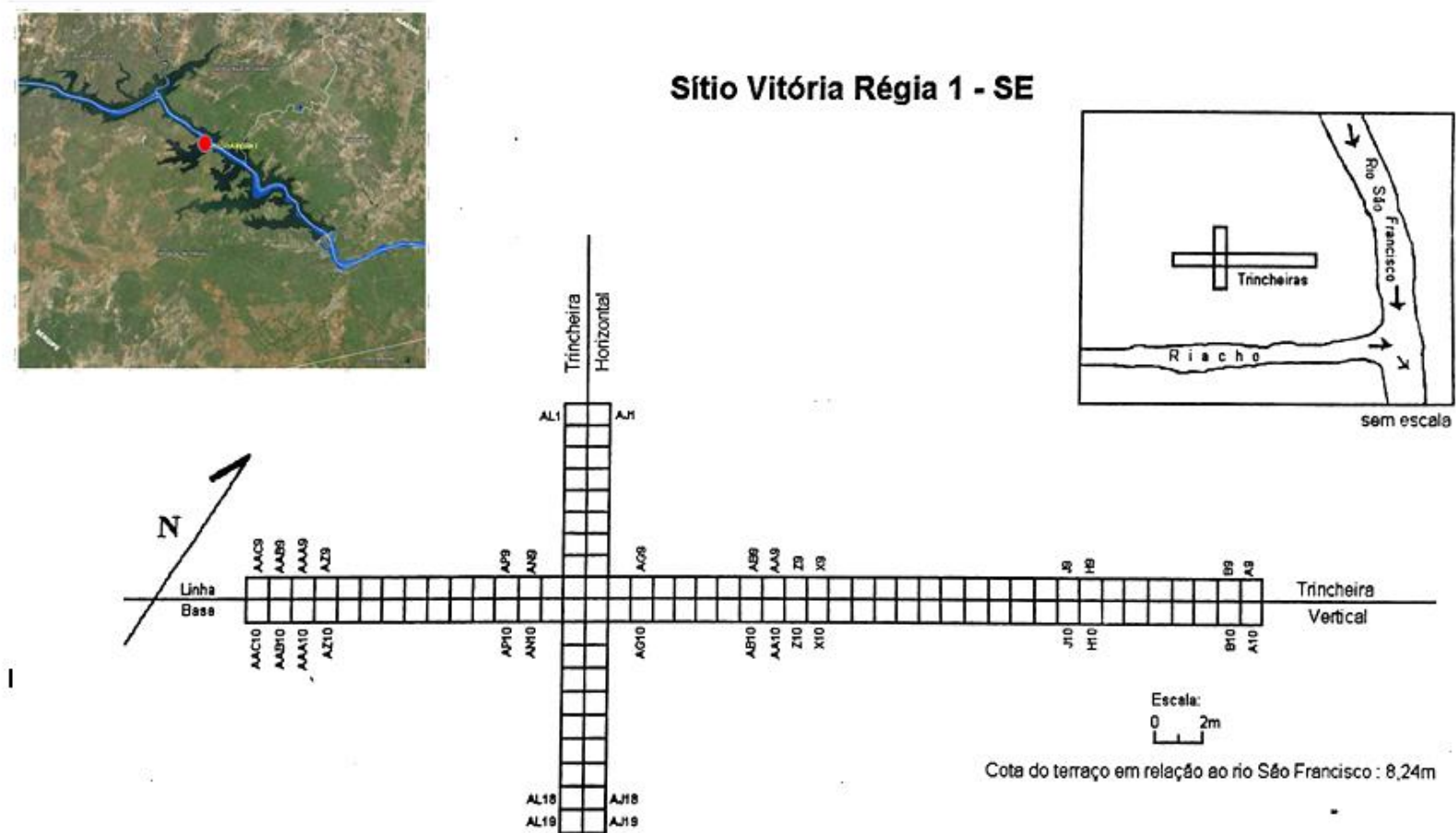


FIGURA 6 - MAPA DA ESCAVAÇÃO DO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA I. MODIFICADO DE LUNA (2001).

O relatório final do PAX nos informa ainda que foi feita a limpeza de 15 cm de areia, nas trincheiras, extraindo-se mais 4,35 cm de areia/silte compacto, sendo parte do embasamento rochoso atingido a 4,50 metros. Pelo trado, a 9 metros, foi confirmada a inclinação da rocha no sentido do rio São Francisco (VERGNE, 1998). A análise da estratificação do sítio evidenciou a existência de três camadas distintas decorrentes de colúvio⁴ e alúvio⁵. Segundo Landim Dominguez e Britcha (1997, p.15), a análise granulométrica demonstrou que o sedimento estava composto por 0,29% de cascalho, 59,17% de areia e 40,53% de lama (em média).

No total foram resgatadas 83 peças líticas (FAGUNDES,2007), 1678 fragmentos cerâmicos, 268g de carvão, 141 vestígios faunísticos e 2 fogueiras estruturadas em 48 blocos (SANTANA et alli, 2002) e 21,55kg de sedimentos.

UM OLHAR SOBRE O SÍTIO

Comparado aos demais sítios cerâmicos escavados pelos PAX, o sítio Vitória Régia I apresentou em relação ao sítio Justino muito menor quantidade de material. A abundância desse tipo de vestígio material no sítio Justino foi expresso sob a forma de 14.743 fragmentos, 7 vasilhames encontrados inteiros e 23 recompostos, todos associados a um contexto funenário (DANTAS; LIMA,2006).

Os cinquenta e seis sítios arqueológicos a céu aberto e abrigos sob rocha localizados pelo PAX ao longo do canyon do baixo São Francisco e seus afluentes foram classificados em três categorias de sítio: acampamento, habitação e cemitério (LUNA, 2001). Desse modo, o Vitória Régia I é um sítio de habitação, segundo a classificação anteriormente citada, que apresentando 1.678 fragmentos cerâmicos é um dos sítios que possui destaque em relação a quantidade de material cerâmico juntamente com os sítios: Justino, São José, Jerimum (PAX,1998; OLIVEIRA et al., 2005). Todos os sítios anteriormente evocados estão situados geograficamente a montante das corredeiras do baixo São Francisco (ALMEIDA; KATER,

⁴ Material detrítico que se deposita no sopé das encostas dos morros trazido pela ação da gravidade, do alto da vertente; coluvião. (LEITE,2016)

⁵ Materiais transportados pelas ações de rios.(LEITE,2016)

2017) de onde hoje existe a UHE Xingó. Logo a jusante o PAX identificou ainda mais três sítios (além dos cinquenta e seis), a saber os sítios, Cipó, Barracão e Barragem. Além disso, Leite (2016) em sua “ Confecção da carta arqueológica do Estado de Sergipe” georreferenciou sítios desde os à montante das corredeiras até a foz do São Francisco no Oceano Atlântico, conforme mapa a seguir (Figura 7).

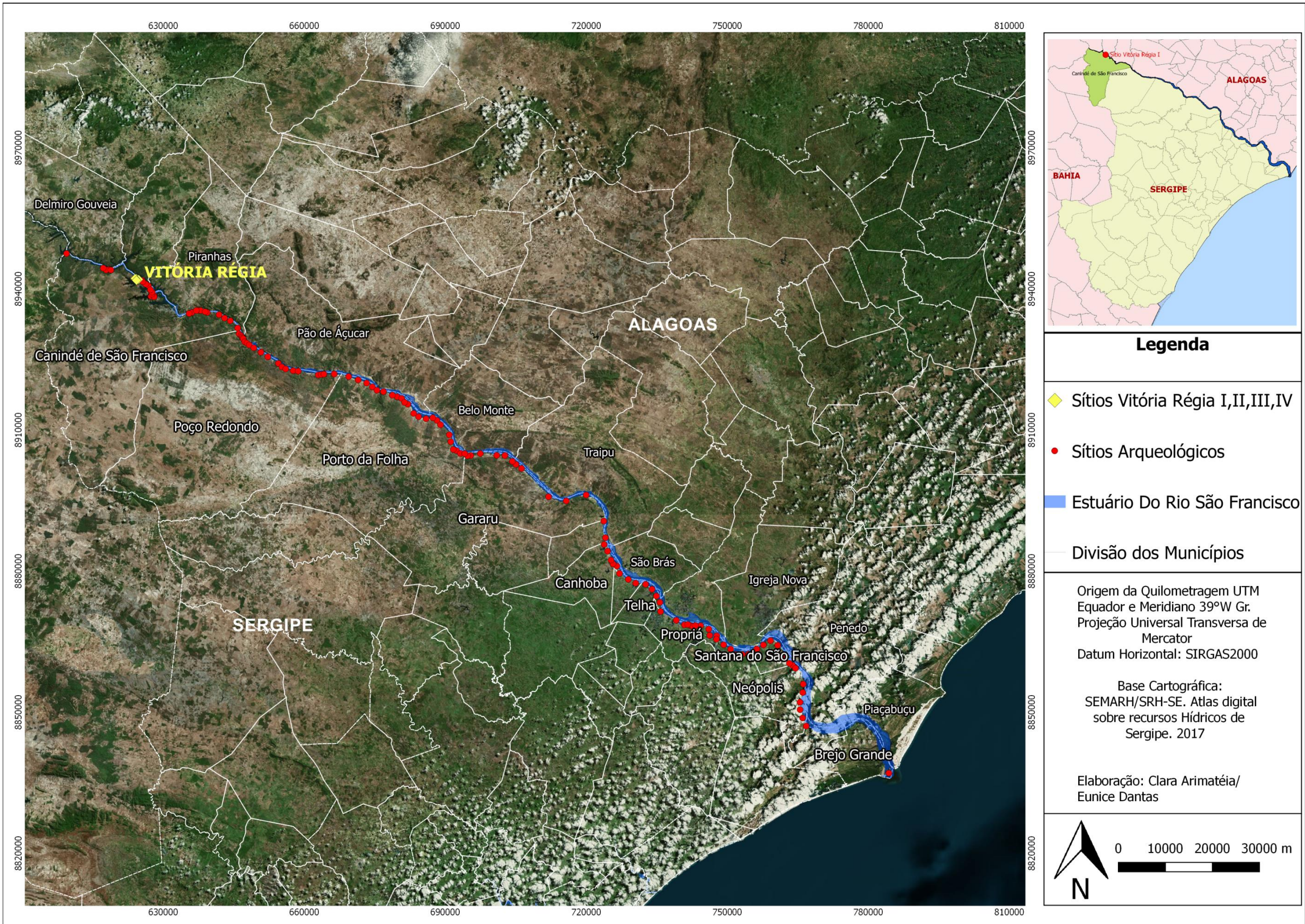


FIGURA 7 - MAPA COM TODOS OS SÍTIOS DO PAX (FONTE: LEITE, 2016).

Fagundes (2007), focando principalmente no material lítico da região, infere que o sítio cerâmico Vitória Régia I teria assumido, em um primeiro momento, o caráter de sítio temporário, tornando-se no decorrer de sua formação um sítio de habitação. O que não se verifica na tabela do próprio autor (Tabela 1) onde os níveis mais profundos são justamente os que apresentam a maior presença de estrutura de combustão. Por outro lado, como veremos adiante (Capítulo 2), a densidade de material cerâmico de fato aumenta nos níveis superiores, o que contribui para a inferência do autor.

TABELA 1 - DADOS INDICANDO AS ESTRUTURAS DE COMBUSTÃO E MANCHAS DO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA I.

Camada	Estrutura	Localização espacial	Dimensões (m ²)	Associações
Camada 03 (45 – 60 cm)	Fogueira 01	F 9/10	0,48	Carvão, lítico, cerâmica e restos faunísticos.
Camada 03 (45 – 60 cm)	Fogueira 02	H 9/10	0,52	Carvão
Camada 04 (60 – 75 cm)	Mancha escura 01	AP 9/10	0,36	Carvão
Camada 05 (75 – 90 cm)	Mancha escura 02	AX 09	0,63	Carvão e cerâmica
Camada 05 (75 – 90 cm)	Mancha escura 03	S 10	0,27	Carvão
Camada 06 (90 – 105 cm)	Mancha escura 04	AL 12/13	0,81	Carvão e cerâmica
Camada 07 (105 – 120 cm)	Mancha escura 05	V 09	0,67	Carvão
Camada 07 (105 – 120 cm)	Mancha escura 06	AZ 09	0,38	Carvão

FONTE: FAGUNDES, 2007.

Como síntese do capítulo, e com esse contexto em mente, torna-se necessário apontar para duas características importantes quanto ao presente estudo. Em uma escala regional, este estudo pretende fornecer uma contribuição dentro de um macro esforço interpretativo sobre os diversos materiais (e.g. cerâmica, lítico, vestígios animais) dentro do acervo adquirido durante os trabalhos do PAX, em sítios que receberam menos atenção (ALMEIDA; KLÖKLER, 2016). As pesquisas que recentemente foram realizadas por Schuster (2018) e em andamento por Leão, nos sítios Vitória Régia I, II e III; por Nunes, nos sítios Porto Belo I e II e no sítio Barracão por Paiva possuíram ou possuem o mesmo objetivo. Trata-se, portanto, de um esforço sendo feito em várias escalas, por vários pesquisadores, esforço este que certamente não termina aqui.

CAPÍTULO 2 – CERÂMICA DO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA I: HISTÓRIA DA PRODUÇÃO DE UM VASO DE 2.000 ANOS DO BAIXO SÃO FRANCISCO

Através de estudos tecno-tipológicos e sobre a dispersão espacial/comportamental entende-se a dinâmica cultural e territorial dos grupos sociais. Nesse sentido, as evidências em contexto tornam-se de vital importância para o entendimento do sítio arqueológico (MACHADO, 2006.p.91).

Neste capítulo descreveremos a cerâmica do sítio sobre o qual nos debruçamos, incluindo os pressupostos teóricos e os métodos de análise empregados. A partir disso, busca-se identificar no contexto arqueológico em questão as diferenças e as semelhanças dentro de um quadro geral.

CONCEITUANDO A PRODUÇÃO CERÂMICA

O foco das análises tecnológicas parte da definição genérica de cadeia operatória, uma sequência de operações para a realização da transformação da matéria em artefato. Mais especificamente, nos basearemos na abordagem realizada por Pfaffenberger (2001) adaptada por Machado (2005). Para um melhor entendimento de como este artefato será transformado e das ações vindas para a concretização deste, iremos fazer um breve entendimento sobre: Cultura Material, Técnica e Cadeia Operatória. Assim:

É importante lembrarmos, no entanto, que o conceito de cadeia operatória deve sempre ser visto como uma categoria analítica, fruto de um processo interpretativo (MACHADO, 2005, 90).

Entende-se por Cultura Material uma parte da cultura em que os indivíduos se relacionam com as maneiras complexas de manifestação da sociedade. Não somente se trata do contexto mais concreto deixado pela produção de objetos, mas também da participação de

atividades corpóreas e gestuais, de símbolos e funções. É também o registro comum do passado, sendo um reflexo das sociedades que a produziram (DELFORGE, 2017). Assim, a identificação e estudo de qualquer material cultural é uma busca de informações que descrevam a maneira pela qual sua utilização está ligada ao seu significado.

Nesse sentido, em Meneses (1998, p. 100):

A expressão cultura material refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado. Aqui, no entanto, para simplificar, falar-se-á sobretudo do artefato, que é apenas um dos componentes - dos mais importantes, sem dúvida - da cultura material.

Nos artefatos, também, encontramos um resultado expressivo das relações humanas em diferentes lugares e épocas. Sendo assim são um objeto de estudo capaz de revelar particularidades de ideais e sistemas distintos, peça fundamental para conexões que levem a compreensão da cadeia operatória (DELFORGE, 2017).

Assim, o conceito de cadeia operatória como ferramenta é capaz de descrever e interpretar as atividades técnicas, em contextos etnográficos e arqueológicos, relaciona-se de maneira muito próxima com a definição dos elementos essenciais de unidades que estabelecem correlação. Direcionando a critérios que trazem limitação das etapas e transmitem variáveis gerais através da observação do objeto/artefato arqueológico e sua cadeia (FOGAÇA, 2011). O que permite uma orientação precisa sobre o que se estuda.

Para esse fim, conforme Leroi-Gourhan (1971) *apud* Delforge, (2017, p. 35), a cadeia operatória que é instrumento de estudo dessas engrenagens da produção em função da razão, condiciona uma análise dos princípios escolhidos. As organizações e sistematizações do objeto/artefato, em face da sua utilização funcional na correlação social, reproduzem reflexivamente significados particulares em cadeias que são capazes de possibilitar o aprofundamento do entendimento de determinada cultura (*idem*).

Seguindo essa linha Mello (2005,p.59) afirma que:

“Os componentes e constituintes elementares da ação estão integrados em um encadeamento lógico e necessário de estágios e sequências no processo de transformação. [...] A cadeia operatória é, então, a totalidade dos estágios técnicos, desde a aquisição da matéria prima até o seu descarte, e inclui os vários

processos de transformação e utilização. Também integra um nível conceitual e, assim, não pode ser entendida sem referência ao conhecimento técnico do grupo.”

Restando aqui explicitar quais são os elementos da cadeia operatória da indústria cerâmica do sítio Vitória Régia I foram alvos de análise durante a presente pesquisa. Explicitados quais elementos foram observados, seguiremos na descrição desses elementos em busca de significados quanto a semelhanças e diferenças.

Cabe ao pesquisador, em seu campo de estudo, definir o que será uma unidade de observação significativa, escolher coerentemente uma determinada sequência de ações que será considerada sua cadeia operatória [...]. O sistema tecnológico característico de uma sociedade inclui a escolha de quais tecnologias, ou cadeias operatórias desenvolver e de quais passos tomar na cadeia operatória dentro das opções técnicas possíveis [...] (DELGARGE, 2017.p.37).

MÉTODOS DE ANÁLISE

Podemos dizer que uma das principais etapas do estudo de materiais cerâmicos é a análise quantitativa dos atributos tecnomorfológicos da cerâmica. É nessa etapa que adquirimos um conjunto de dados a respeito das recorrências e particularidades da cerâmica de um determinado sítio arqueológico. Particularidades tecnológicas essas que foram desenvolvidas por uma sociedade em um determinado tempo e espaço (MACHADO, 2006). O desenvolvimento de uma classificação aplicada a análises de coleções arqueológicas exige que se tenha definido o que se propõe obter de informações dessa coleção. O intuito é de eliminar caminhos inapropriados que levem a um rumo diferente das ideias propostas pelo estudo (ALMEIDA, 2013).

A coleção aqui exposta é composta por 8 caixas de material etiquetado, correspondente aos níveis (Tabela 2), provenientes do acervo do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX). O material foi recebido pelo Laboratório de Paisagem e Sociedade (LAPSO) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) por meio do Projeto PROBASAO em 2016.

TABELA 2 - QUANTIFICAÇÃO DO MATERIAL CERÂMICO DO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA I (MODIFICADO DE LUNA 2001).

<u>NÍVEL</u>	<u>MATERIAL CERÂMICO ANALISADO</u>	<u>MATERIAL CERÂMICO COLETADOS EM CAMPO</u>
NÍVEL 9	05 FRAGMENTOS	05 FRAGMENTOS
NÍVEL 8	29 FRAGMENTOS	44 FRAGMENTOS
NÍVEL 7	66 FRAGMENTOS	60 FRAGMENTOS
NÍVEL 6	133 FRAGMENTOS	138 FRAGMENTOS
NÍVEL 5	133 FRAGMENTOS	124 FRAGMENTOS
NÍVEL 4	130 FRAGMENTOS	191 FRAGMENTOS
NÍVEL 3	166 FRAGMENTOS	176 FRAGMENTOS
NÍVEL 2	-	372 FRAGMENTOS
NÍVEL 1	387 FRAGMENTOS	508 FRAGMENTOS

Foram alguns os procedimentos realizados: primeiramente foi feito um inventário da coleção que consiste em catalogar a quantidade de fragmentos por nível, fotografar a coleção e tabelar para enviar ao Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para que assim o material fosse liberado para análise em laboratório; em seguida foi feita a análise técnica tipológica, descrição técnica e por fim a interpretação da coleção.

Para a análise da coleção foram escolhidas categorias que viessem possibilitar a identificação e a variabilidade do material arqueológico cerâmico. Desse modo, buscou-se obter uma compreensão da noção de estilo das cerâmicas para, assim, compreender as mudanças na confecção técnica atribuída aos artefatos, o que permite perceber as escolhas materializadas em cada objeto (ALMEIDA&KLÖKLER 2016). Essas escolhas podem ser referentes, por exemplo, ao tratamento de superfície e/ou às características gerais da pasta, como a adição/concentração de antiplásticos, queima, entre outros (LA SALVIA; BROCHADO, 1989).

Durante a análise só foram estudados fragmentos diagnósticos (borda, bases, paredes decoradas, etc) com a dimensão maior que 2 cm, metodologia clássica e consagrada em muitas pesquisas (e.g. CHYMZ, 1966; MEGGERS; EVANS, 1970, RYE, 1981, SALDANHA, 2005, ALMEIDA, 2013, GARCIA, 2012, WÜST, 1990, BROCHADO; LA SALVIA, 1989). Os fragmentos menores que 2cm foram apenas contabilizados para dedução de distribuição espacial no sítio.

Inicialmente, na ficha de análise, é registrado o número de proveniência (NP) conferido no fragmento e o nível⁶ arqueológico no qual o mesmo foi encontrado. Na sequência é registrado o código referente ao que o fragmento pertence (borda, base, parece, rolete, etc.). Em seguida é registrado o código da técnica de manufatura, logo após registra-se os elementos pertencentes à pasta pela definição do tipo de antiplástico e ao tempero⁷. Estes podem pertencer à própria fonte de matéria prima ou ter sido misturado a pasta, sendo de escolha do artesão. Os antiplástico encontrados na argila podem variar enormemente de acordo com o local de estudo (MACHADO, 2006). Os minerais presentes na pasta podem nos fornecer dados sobre a fonte de matéria-prima da argila empregada na confecção dos vasos cerâmicos. São muitas as composições mineralógicas presentes nas argilas. Outro fator de extrema importância é a variação na quantidade, angulosidade e tamanho dos grãos, pois os mesmos podem nos indicar escolhas culturais. Também podem informar que os minerais não foram adicionados, mas já pertenciam à pasta e somente foram selecionados, retirando grãos maiores a fim de padronizar ou mesmo evitar rachaduras posteriores (ALMEIDA, 2013).

Também foi observado na ficha de análise: o grau de queima, o grau de conservação, a presença/ausência de alisamento nas faces internas e externas, presença/ausência de engobo; presença de marcas (de folha, cestaria etc.); sinais de uso; espessura do fragmento, presença ou ausência de decoração plástica (inciso, ungulado, corrugado, etc.); presença/ausência de decoração pintada, local de decoração.

Para as bordas, foram analisadas a morfologia, observando a inclinação, espessura, morfologia do lábio, diâmetros da boca. Para os fragmentos de base foram observados a morfologia (base plana, côncava, etc.) e, se possível, o diâmetro.

⁶ Em todas as etiquetas estão descritas camadas, porém nas fichas de análise registramos como nível, respeitando a ideia de níveis definidos.

⁷ Matéria introduzida na pasta, para conseguir condições técnicas propícias à uma boa secagem e queima, dando resistência à vasilha (CHMYZ, 1966).

Aqui foi apresentada a metodologia de análise do material cerâmico do sítio Vitória Régia I, que somaram um total de 1049 fragmentos contabilizados e analisados. Ressaltando aqui que o Nível 2 não foi estudado nesse trabalho por falta de tempo. Ele faz parte da pesquisa científica do aluno Moisés Alberto Bastos Leão. Vale também destacar que no relatório do PAX, o Sítio Vitória Régia I possui 8 níveis com ocorrências de material cerâmico, havendo uma discrepância nas informações, pois o acervo que chegou ao LAPSO tratavam-se de caixas etiquetas até o nível 9, a qual foi analisada e possui 5 fragmentos.

A COLEÇÃO DO VITÓRIA RÉGIA I E SUA ANÁLISE

Na Tabela a seguir (Tabela 3), podemos ver os níveis onde se distribuem os 1049 fragmentos cerâmicos do Sítio Vitória Régia I. É possível notar que a maior densidade do material cerâmico analisado se encontra no nível 1. A maior parte dos fragmentos analisados (673 fragmentos) é composto por paredes.

Tabela 3 - Quantificação do material e porcentagens.

NÍVEL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
1	387	36,9 %
3	166	15,8%
4	130	12,4%
5	133	12,7%
6	133	12,7%
7	66	6,3%
8	29	2,8%
9	5	0,5%
TOTAL	1049	100,0%

Apresentamos de outra forma, também, a quantificação geral, em porcentagem para uma melhor visualização da coleção ao todo do sítio (Figura 8):

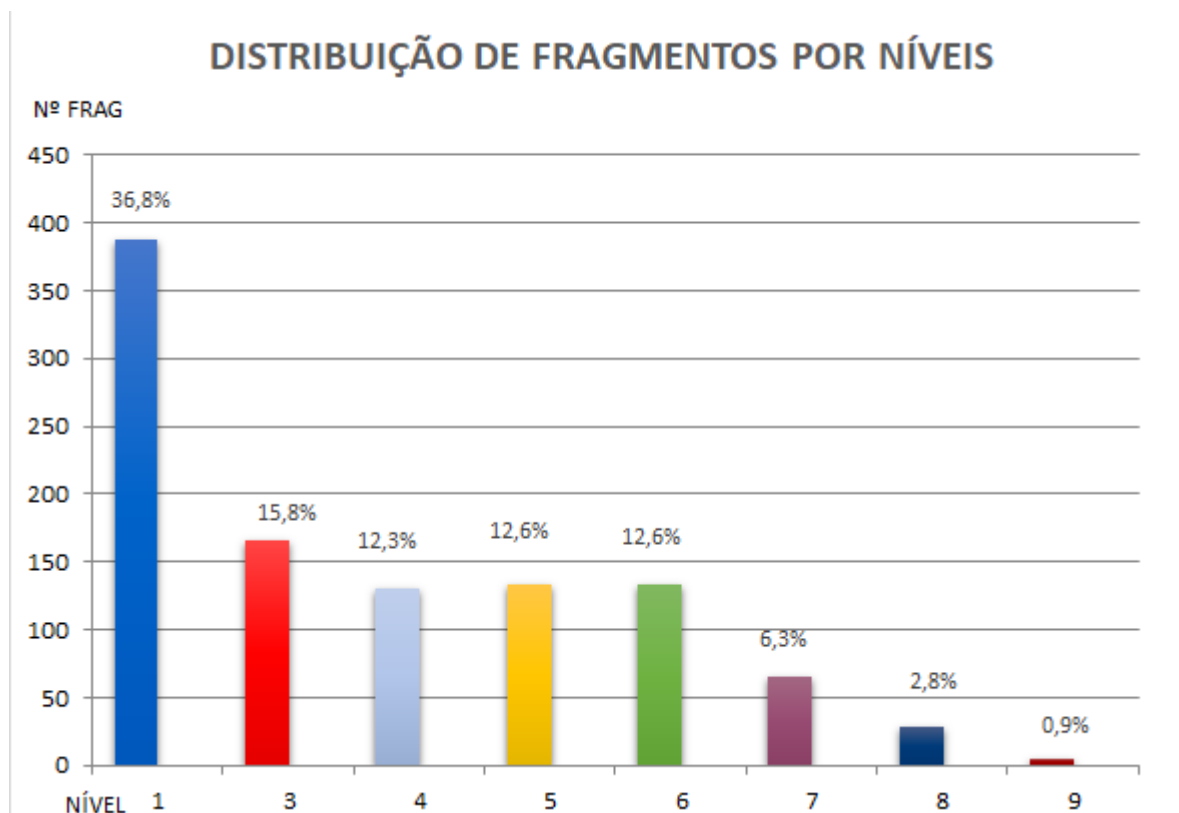


FIGURA 8 - GRÁFICO COM A QUANTIFICAÇÃO EM PORCENTAGENS DA COLEÇÃO EM ESTUDO.

Como pressuposto para a construção dessa análise, é importante ressaltar que houve o auxílio de manuais de análise de cerâmica (CHYMZ, 1966; LA SALVIA; BROCHADO, 1989), como também de trabalhos que estudam a cultura material, a tecnologia e cadeia operatória (e.g. SINOPOLLI, 1991; MELLO, 2001; FOGAÇA, 2001; LEROI-GOUHRAN, 1990). Tais referências foram de grande auxílio para esclarecer dúvidas e obter um melhor entendimento para esta pesquisa. Com isso serão trabalhados os dados obtidos a fim de mostrar os resultados desta pesquisa.

Quanto as técnicas de manufatura presentes nos fragmentos cerâmicos do Vitória Régia I, a maior parte dos fragmentos cerâmicos não possui identificação nesse quesito sendo um total de 677 fragmentos da técnica não identificado (91%). Em segundo lugar a técnica que aparece é o roletado/acordelado com 64 fragmentos (8,86%). Por último, com pouca expressividade, 2 fragmentos, aparece a técnica de manufatura em placas (0,28%). Assim como na pesquisa elaborada por Schuster (2018), essa baixa quantidade de fragmentos cuja técnica de manufatura foi passível de identificação pode significar a utilização da técnica do modelado (ver Figura 9).

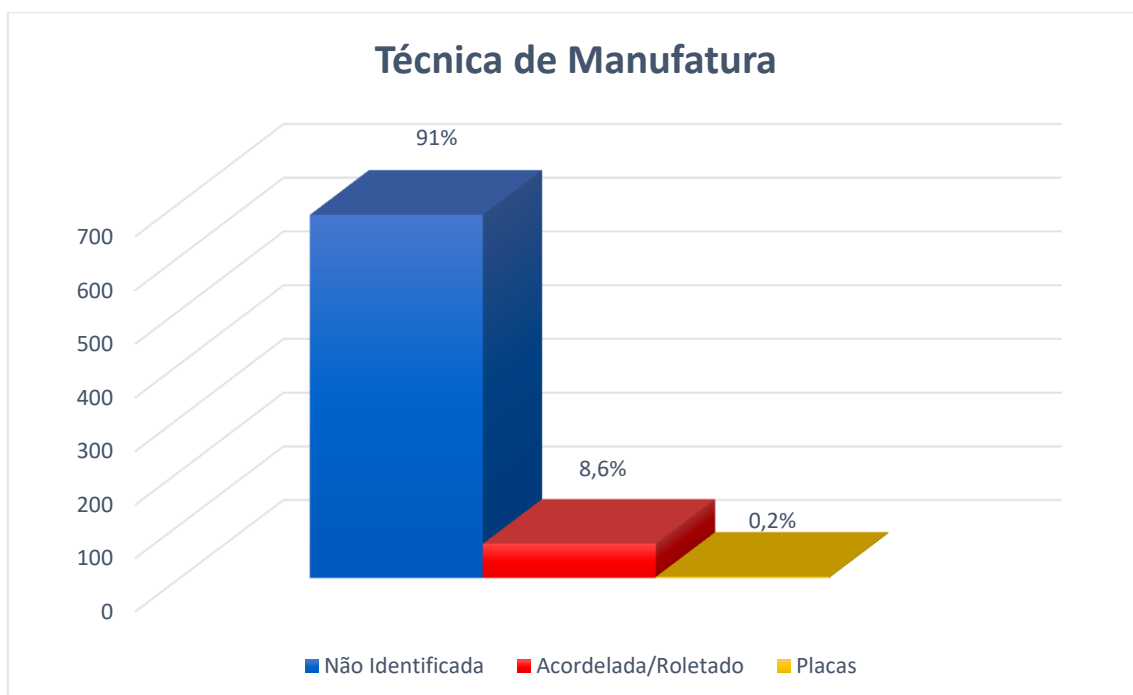


FIGURA 9 - TÉCNICA DE MANUFATURA DA COLEÇÃO VITÓRIA RÉGIA I.

Ao analisar as diferentes técnicas de manufaturas por nível, verificamos que a quantidade de vestígios não identificados permanece em todas as camadas. Isso pode ser atribuído, ao menos em parte, às condições de conservação dos mesmos e o tamanho dos vestígios, o que dificultaria uma melhor identificação. Abaixo, temos o gráfico descrevendo as técnicas de manufaturas encontradas por nível (Figura 10):

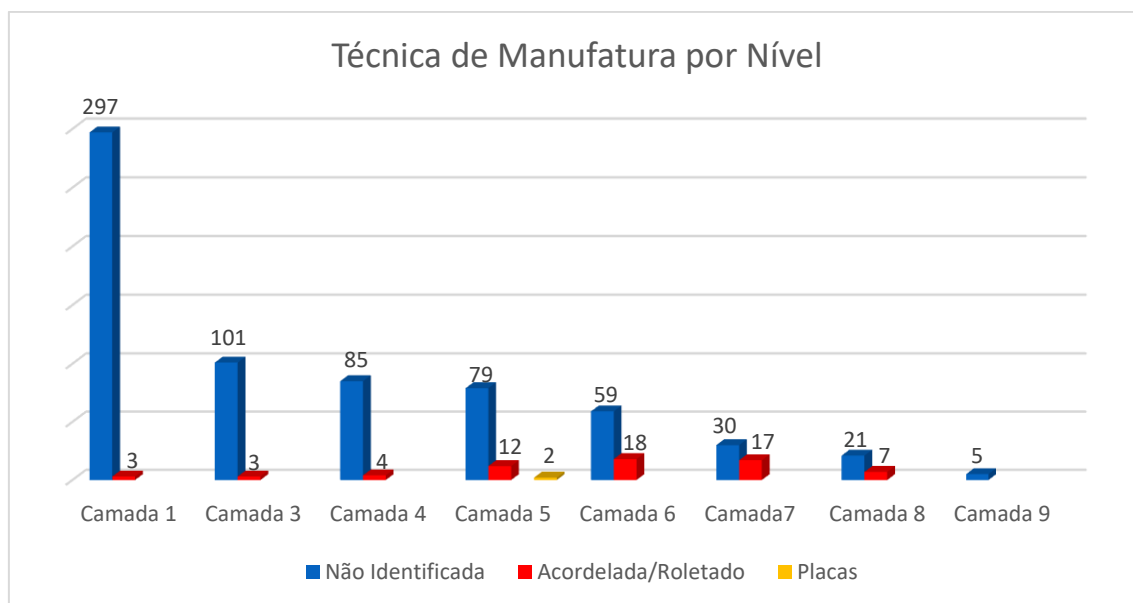


FIGURA 10 - GRÁFICO COM A DISTRIBUIÇÃO DE TÉCNICA DE MANUFATURA POR NÍVEL.

O antiplástico é o tipo de material não plástico que é colocado na pasta cerâmica no momento da confecção. Podem possuir origem animal, vegetal e mineral (fragmentos de ossos e conchas trituradas, espículas de cauxi, grãos de areia, quartzo, argila, e outros). O termo “antiplástico” é utilizado de uma forma genérica para indicar quaisquer inclusões na pasta. Inclusões estas que se forem intencionais, fruto da agência humana, devem ser identificadas pois podem ajudar a elucidar as funções dos vasos⁸. O material antiplástico pode ser acrescentado com o objetivo de reduzir a quebra da vasilha durante o processo de secagem e cocção ou, até mesmo, para dar um efeito estético à vasilha (MILHEIRAS; FARIAS; ALVES; 2013.). Segundo Schiffer e Skibo (1992), o antiplástico mineral, como o encontrado na presente coleção, possui alta resistência a choques térmicos, uma maior capacidade de aquecimento. Outra vantagem é a secagem mais rápida que os temperos orgânicos e diminuem a resistência de matérias ainda não queimadas (*idem*).

O antiplástico mineral é predominante em nossa análise. Está presente em 654 fragmentos que correspondem à 88% do total. Nas análises realizadas fica difícil a compreensão de uma definição quanto a intencionalidade desses materiais, principalmente pela pouca quantidade ou diminuto tamanho das ocorrências observadas. Como podemos observar no gráfico a seguir (Figuras 11):

⁸ Para mais detalhes ver MACHADO, 2006. P.91

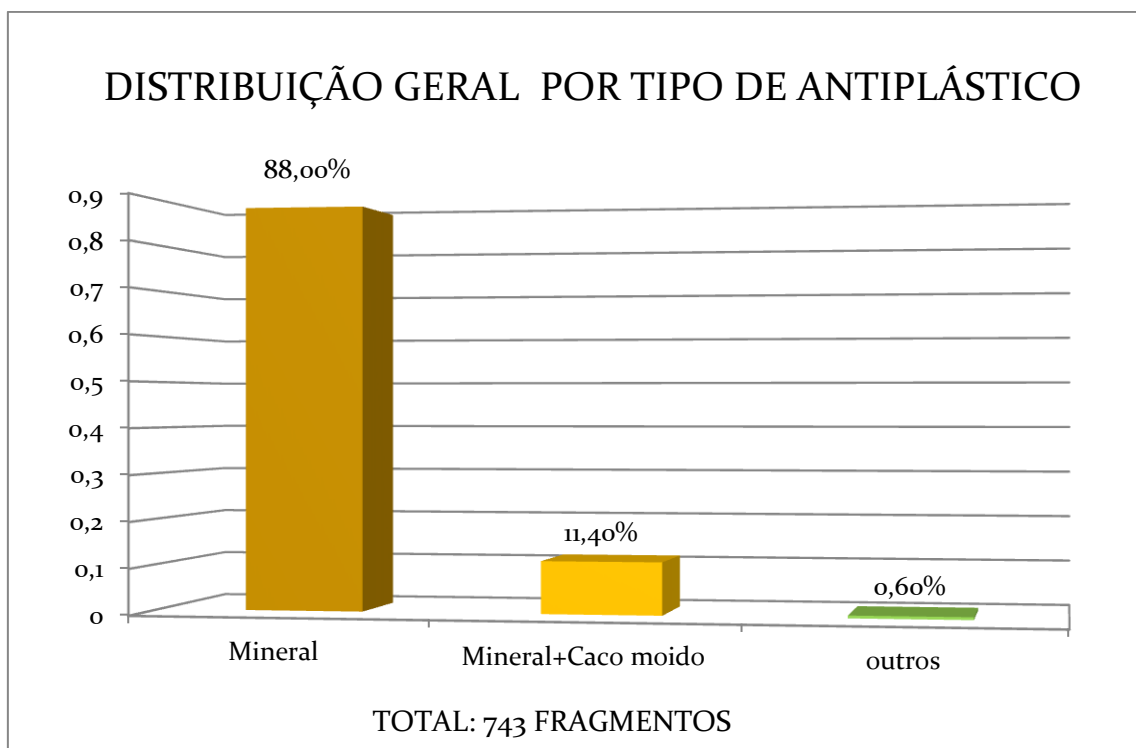


FIGURA 11 – GRÁFICO COM A DISTRIBUIÇÃO DOS ANTIPLÁSTICOS DO SÍTIO POR TIPO.

Os tipos de minerais⁹ que aparecem em grande destaque em todas as camadas são o quartzo combinado com a mica perfazendo 67%, (497 fragmentos) do total analisado. Por sua vez, o quartzo (sozinho) correspondeu a 22%, (163 fragmentos) da amostra. Com menos expressividade aparece quartzo combinado com feldspato (5% ou em 42 fragmentos cerâmicos), seguido do quartzo combinado com óxido de ferro e feldspato (com quase 2% ou em 16 fragmentos). Em penúltimo temos os minerais quartzo/mica/feldspato (1,6% ou em 12 fragmentos).

O quartzo foi um mineral que apresentou destaque na ficha de análise para a observação da sua angulosidade. Percebeu-se que a maior parte dos fragmentos possui o quartzo médio anguloso. Esse quesito da análise poderia ajudar a compreender se esse mineral foi inserido ou encontrado naturalmente na pasta. Uma menor angulosidade pode indicar uma intrusão natural na pasta, ou seja, esse antiplástico já estava junto da pasta cerâmica no momento da coleta e não foi extraído durante o preparo da mesma pasta. Ou seja, não teria sido triturado, atividade que geraria ângulos (ALMEIDA, 2008).

⁹ Gráficos ver anexo.

Quanto aos tratamentos das superfícies da cerâmica (externa e interna), compreende-se que, seguindo La Silva e Brochado (1989), algumas técnicas são aplicadas com intencionalidades funcionais, para a produção e uso do vasilhame; outras para o acabamento estético do recipiente. Reforçando essa ideia, os autores afirmam que "acabamento de cunho prático busca a construção do recipiente, enquanto que acabamento de cunho artístico é o que busca dar ao recipiente uma melhor aparência" (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p 147).

Nos fragmentos analisados o tratamento de superfície externa que mais se destaca é o engobo vermelho. Dos 36 fragmentos observados com tratamento na Face Externa 78%, ou 28 fragmentos, possuíam esse tratamento. Em menor expressividade temos o engobo marrom (14%, ou 5 fragmentos), o engobo branco (5%, ou 2 fragmentos) e a brunidura (3%, ou 1 fragmento). Os fragmentos com engobo possuem pouca expressividade na coleção analisada, como podemos, em ambas as faces. Na face interna destacam-se dois tipos de engobo: o engobo vermelho em 10 fragmentos (71% das peças com tratamento nessa face) e o engobo marrom em 4 fragmentos (29%), como podemos observar nos gráficos abaixo (Figura 12):

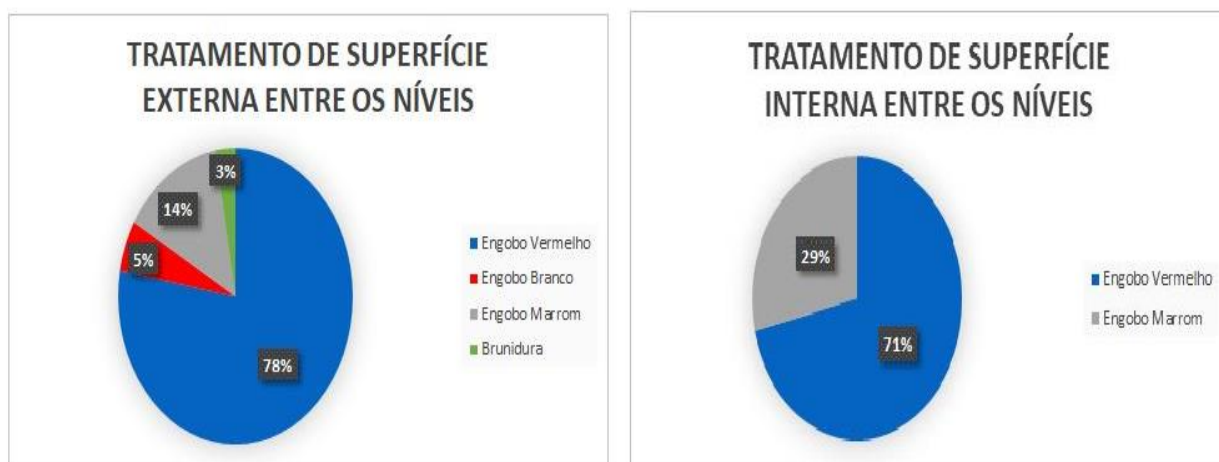


FIGURA 12 – GRÁFICOS PARA TRATAMENTOS DE SUPERFÍCIE ENTRE OS NÍVEIS.

Para uma decoração ser concretizada a oleira usa como passo inicial escolher a área que vai ser trabalhada. Dentre as possíveis influências que irão pesar na escolha da área, destaca-se o aspecto da visibilidade (SHEPARD, 1995[1956]:261 *apud* ALMEIDA, 2013. p. 81). Quanto à decoração plástica nos fragmentos cerâmicos do sítio Vitória Régia I, destaca-se a decoração plástica do escovado, identificada em 115 fragmentos (51%). A decoração roletada aparece em 45 fragmentos (20%), o inciso fino aparece em 27 fragmentos (12%), e o ponteadado aparece em 18 fragmentos (8%). Os demais tipos de decoração plástica que aparecem com menos relevância e em poucos fragmentos: o exciso, o inciso fino/roletado, o escovado/inciso, o digitado, o digitoungulado, o inciso largo e o corrugado, como podemos observar no gráfico da Figura 13. Foram poucos os fragmentos analisados que possuíram motivos pintados ou incisos. Assim, identificados apenas 24 fragmentos em todos os níveis com os motivos de incisos/pinturas (Figura 14).

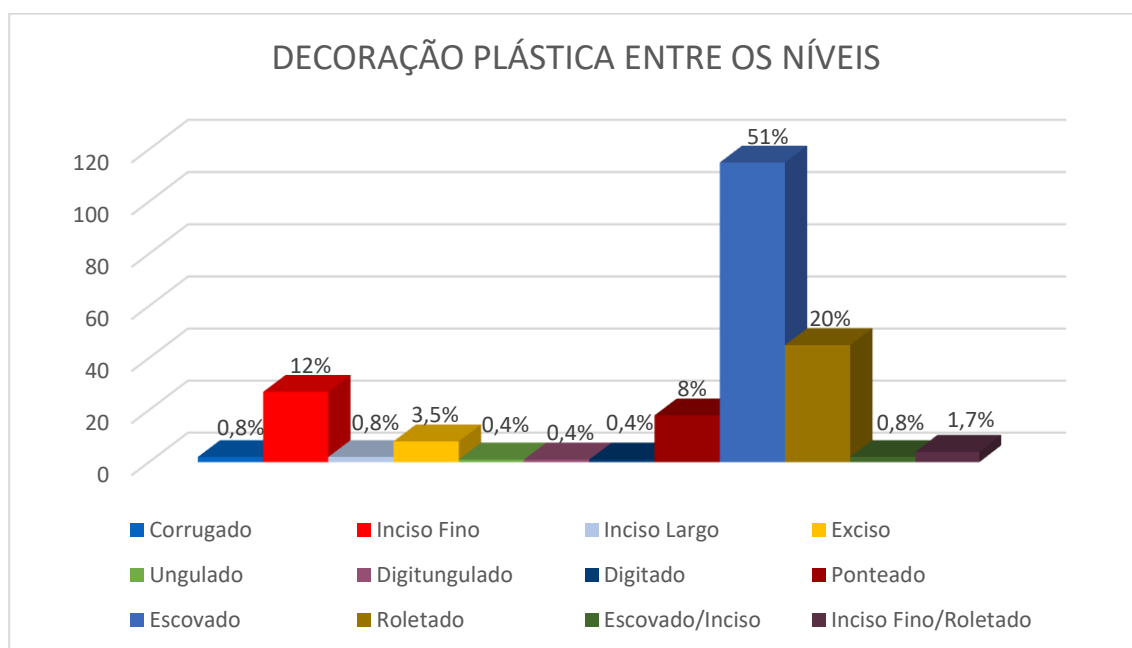


FIGURA 13 - GRÁFICO COM AS DECORAÇÕES PLÁSTICAS DA COLEÇÃO.

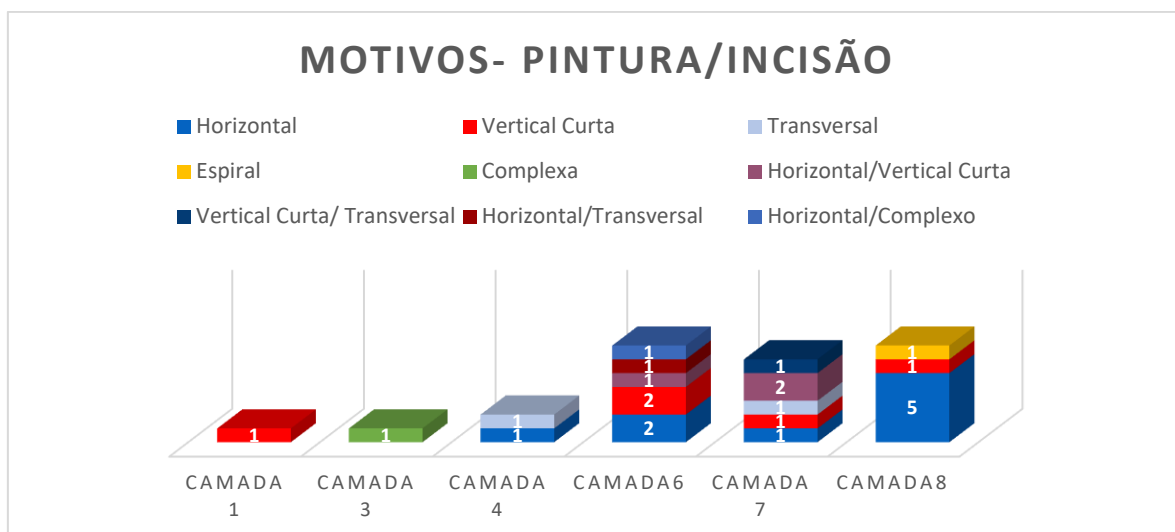


FIGURA 14 - MOTIVOS PINTADOS OU INCISOS EM TODOS OS NÍVEIS.

Outro aspecto analisado foi o alisamento¹⁰ dos fragmentos. Segundo Lima (1987), a vasilha com um bom alisamento provavelmente terá uma melhor impermeabilidade. Nas análises do tipo de alisamentos nos fragmentos cerâmicos do Vitória Régia I, tanto o alisamento externo, como o interno possuem em sua maioria o tipo de alisamento fino, seguido de médio, polido e, por fim, poucos fragmentos sendo caracterizados com o tipo de alisamento grosso. Como podemos observar nos gráficos, do tipo de alisamento entre os níveis, abaixo:

¹⁰ Gráficos de tipo de alisamento por níveis, ver anexo.

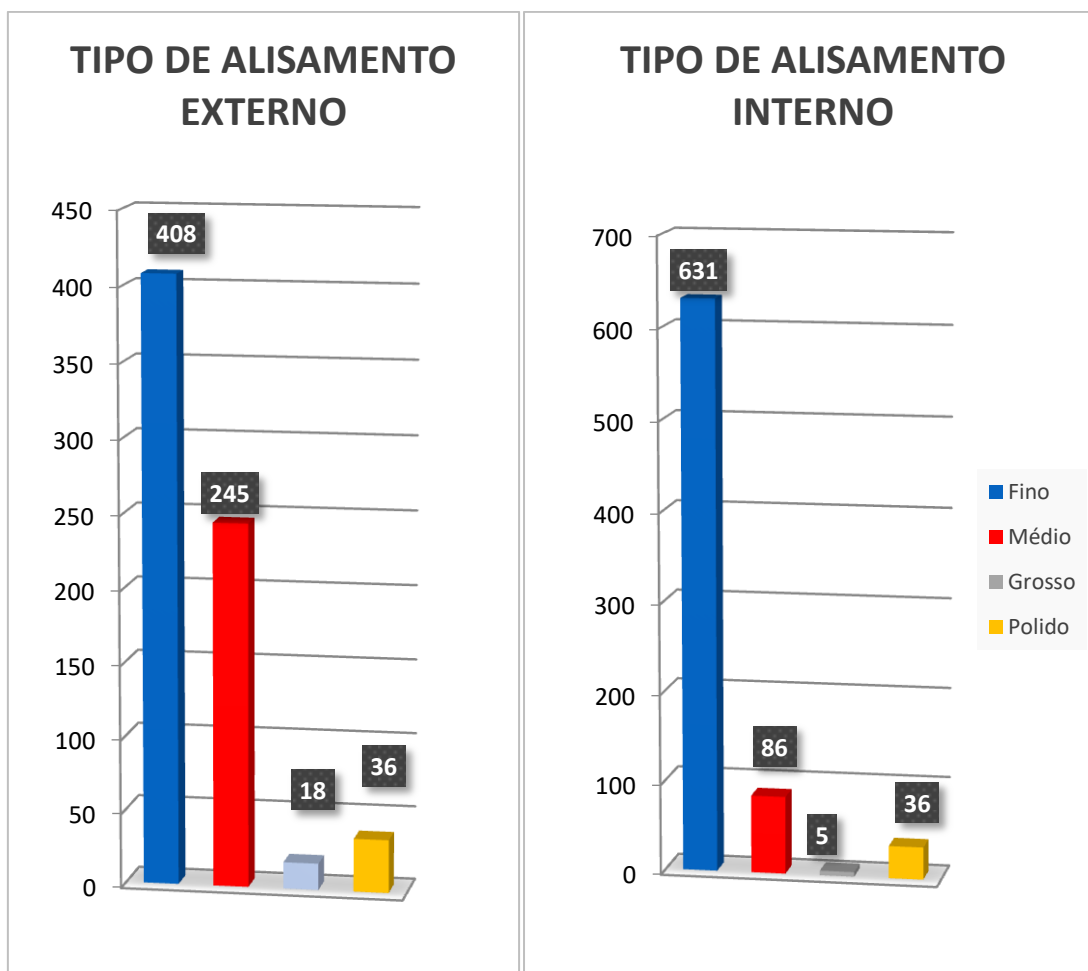


FIGURA 15 - GRÁFICOS COM GRAUS DE ALISAMENTO.

A análise das bordas ajuda numa compreensão das formas e formulação de conjuntos hipotéticos. Servem para verificação de semelhanças e diferenças com outros sítios e uma região arqueológico como um todo. Para a coleção do sítio Vitória Régia I, a morfologia predominante foi a borda direta (70% das bordas ou em 44 fragmentos); em segundo lugar o que se destaca é a borda extrovertida (16% ou em 10 fragmentos); por último destaque é a morfologia de borda introvertida (14% ou em 9 fragmentos). No gráfico a seguir podemos visualizar a morfologia por camada,: o Nível 1 possui 16 fragmentos direta, 9 fragmentos de extrovertida, 2 fragmentos introvertida; Nível 3 possui 8 direta e 4 introvertida; Nível 4 possui 4 direta e 2 introvertida; Nível 5 está ausente de fragmentos de borda; Nível 6 possui 7 direta e 1 extrovertida; Nível 7 possui 4 direta; Nível 8 possui 4 direta e 1 introvertida e por fim a

Nível 9 possui 1 borda direta¹¹ (ver figura 16 e 17). Não pode deixar de ser comentada o grande aumento de vasilhas extrovertidas no nível mais superficial, um elemento concreto de mudança dentro da indústria cerâmica do sítio Vitória Régia I.

MORFOLOGIA GERAL DE BORDAS

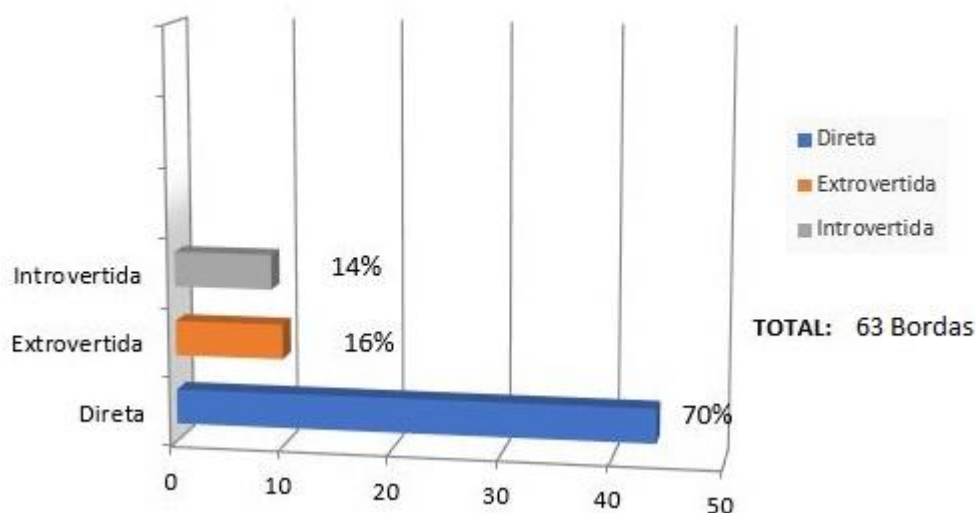


FIGURA 16 - GRÁFICO COM AS MORFOLOGIAS DE BORDAS NO SÍTIO.

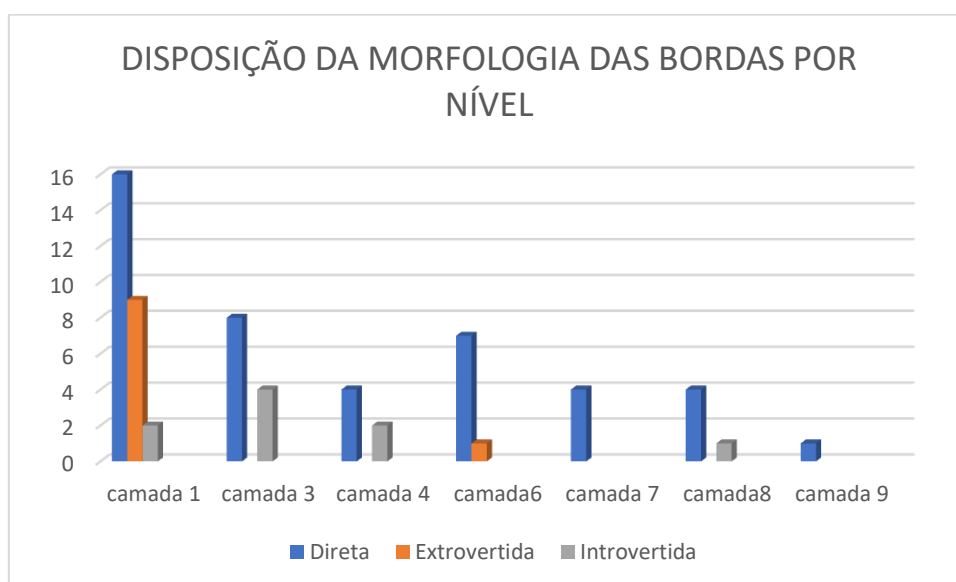


FIGURA 17 - DISPERSÃO DA FORMAS DE BORDAS ENTRE OS NÍVEIS 1 A 9.

¹¹ Destaque para a única borda da camada 9, que além de ser uma camada que não consta nos relatórios do PAX, possui uma borda com um possível furo (cestaria ou suspensão) que será discutido mais adiante.

Na cadeia operatória de confecção das vasilhas cerâmicas, a queima faz parte de um importante e último estágio antes da utilização das mesmas. Estágio final que inclui a secagem, e, por vezes, o acabamento de superfície pós-queima (RYE, 1981 *apud* MACHADO, 2006, p.91). A o domínio da queima é vital na produção da cerâmica. Ela é decisiva no processo de produção da cerâmica, evitando-se também incorrer em problemas de quebra ou defeitos decorrentes de uma queima mal controlada (MILHEIRA, 2008). Para a verificação desses dados usamos a seguinte lista de códigos para caracterizar a coleção através do tipo de queima (Tabela 4):

TABELA 4 – TABELA COM OS CÓDIGOS APLICADOS NA ANÁLISE DO TIPO DE QUEIMA DA CERÂMICA

CÓDIGO DOS DIFERENTES TIPOS DE QUEIMA:
1- QUEIMA COMPLETA COM NÚCLEO CLARO.
2- QUEIMA COM NÚCLEO FINO ESCURO E DUAS FAIXAS CLARAS ESPESSAS EM AMBAS AS FACES.
3- QUEIMA COM NÚCLEO CLARO E DUAS FAIXAS ESCURAS EM AMBAS AS FACES.
4- QUEIMA INCOMPLETA: NÚCLEO ESCURO.
5- QUEIMA COM NÚCLEO ESCURO E DUAS FAIXAS FINAS CLARAS EM AMBAS AS FACES.
6- QUEIMA COM FAIXA ESCURA NA FE E FAIXA CLARA NA FACE INTERNA.
7- QUEIMA COM FAIXA ESCURA NA FI E FAIXA CLARA NA FACE EXTERNA.

O sítio Vitória Régia I possui uma grande predominância na queima classificada “Queima Tipo 4”, queima incompleta: núcleo escuro, obtendo uma porcentagem de 55%, em 395 fragmentos. Em segundo lugar aparece a “Queima tipo 7”, queima com faixa escura na FI (Face Interna) e faixa clara na Face Externa (FE, 15% ou 108 fragmentos cerâmicos); em seguida aparece a “Queima tipo 5”, queima com núcleo escuro e duas faixas finas claras em Ambas as Faces (AF, 11% ou em 78 fragmentos cerâmicos); a “ Queima tipo 1” (queima completa: núcleo) aparece com pouca expressão (10% ou em 70 fragmentos cerâmicos); assim como a “Queima tipo 6” (faixa escura na FE e faixa clara na FI), outro tipo de queima que aparece com pouca expressão (4% ou em 29 fragmentos cerâmicos); a “ Queima tipo 3”

(queima com núcleo claro e faixas escuras em AF); por fim a queima menos expressiva é a “Queima tipo 2” (2% ou em 12 fragmentos) (Figura 18):

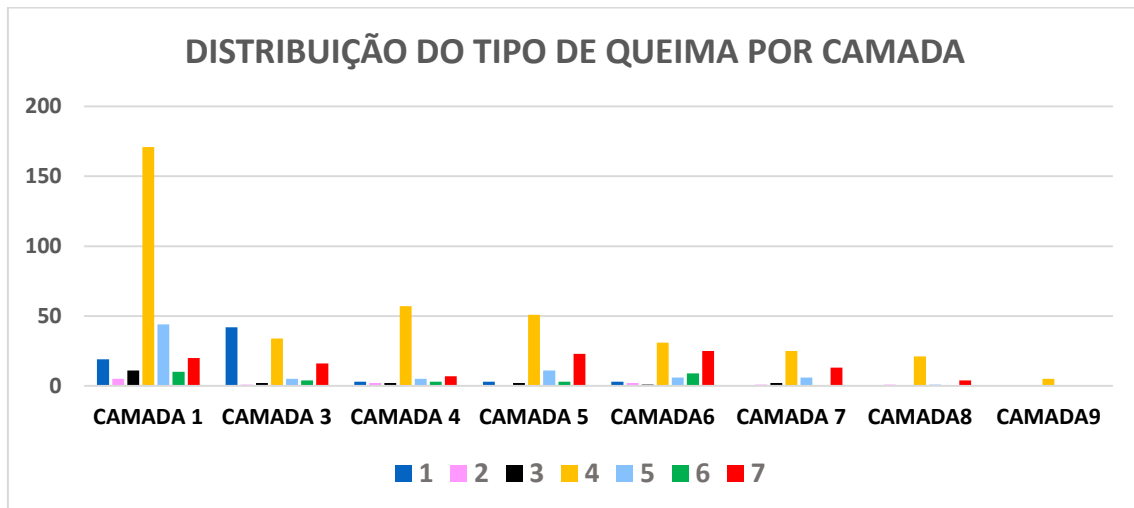


FIGURA 18 - GRÁFICO COM A DISTRIBUIÇÃO DO TIPO DE QUEIMA POR NÍVEIS DO SÍTIO.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE INTRA E INTERSÍTIOS DOS FRAGMENTOS CERÂMICOS

A coleção analisada do Sítio Vitória Régia I possui uma considerável diversidade de fragmentos cerâmicos, como paredes, bordas, bases, roletes, e (uma) bolota de argila. É notória a presença de maior número de fragmentos do Nível 1 até Nível 5, apresenta maior densidade de artefatos que dos níveis 6 ao 9 (LUNA, 2001). Do nível 1 ao 5 tem a densidade de 237,6 fragmentos cerâmicos para cada 10cm escavados da área total do sítio¹². Já do nível 6 ao 9 a densidade ficou em 58,25 fragmentos por nível (233 fragmentos cerâmicos analisados no presente trabalho).

Conforme vimos no Capítulo 1, Fagundes (2007) infere uma intensificação do uso do sítio. O aumento na densidade de material corrobora com tal inferência, mas é insuficiente para fechar a questão. Também foi visto no Capítulo 1 que não há evidências de que o sítio tenha sido ocupado durante o período pós contato.

Entretanto, pode-se destacar a existência, nos primeiros níveis, de cerâmicas com pintura esmaltada e com queima completa (Figura 19), características que destoam da indústria caracterizada no capítulo anterior. Isto é, de uma cerâmica mal queimada e sem decoração pintada. Se esses elementos são insuficientes para assegurar a ocupação em um período mais recente do sítio, eles ao menos abrem as portas para a possibilidade da incorporação de novos elementos exógenos por parte dos ocupantes do sítio, ou da troca de recipientes.

Analisando os fragmentos dos primeiros níveis, percebe-se que há pouca decoração plástica¹³. Quando presente, pode-se destacar a predominância do escovado, decoração esse que permanece nos demais níveis, seguida da decoração ponteadada, decoração essa muito semelhante com as dos fragmentos cerâmicos do Sítio Justino (Figura 20). Além disso, em todos os níveis existem fragmentos que possuem muita semelhança com os fragmentos

¹² Foi incluído o Nível 2, não analisado, no cálculo da densidade.

¹³ Decoração plástica ocorreu apenas nas faces externas dos fragmentos.

encontrados no sub-médio São Francisco¹⁴, municípios de Chorrochó, Rodelas e Glória no Estado da Bahia (LUNA, 2000), as decorações plásticas¹⁵ roletada, incisa, escovada, excisa e ponteadas são muito semelhantes às da coleção do Vitória Régia I (Figura 20 a 22). O inciso fino é outro tipo de decoração que ganha destaque nas decorações plásticas existentes nos níveis (Figura 23).



FIGURA 19 - CERÂMICA ESMALTADA



FIGURA 20 - CERÂMICA PONTEADA.

¹⁴ Em sítios Dunares (LUNA, 2006)

¹⁵ “A repetição dos padrões decorativos, aparentemente seguindo um rigoroso período de aprendizado, e a persistência temporal de uma cerâmica que sempre possui o mesmo antiplástico, cor e espessura padronizadas, parecem corroborar a ideia de um grupo que conseguiu manter por muito tempo uma forma peculiar de fazer cerâmica.” (ALMEIDA, 2013, p.92).



FIGURA 21 –FRAGMENTO CERÂMICO COM INCISÕES (FOTO/DESENHO: EUNICE DANTAS, 2018).



FIGURA 22 -FRAGMENTOS CERÂMICOS ROLETADOS COM FACE INTERNA ALISADA.



FIGURA 23 – FRAGMENTOS CERÂMICOS COM DECORAÇÃO PLÁSTICA INCISO FINO.

Nota-se também um processo decorativo voltado para a borda, onde encontramos lábios com decoração entalhada (Figura 24).

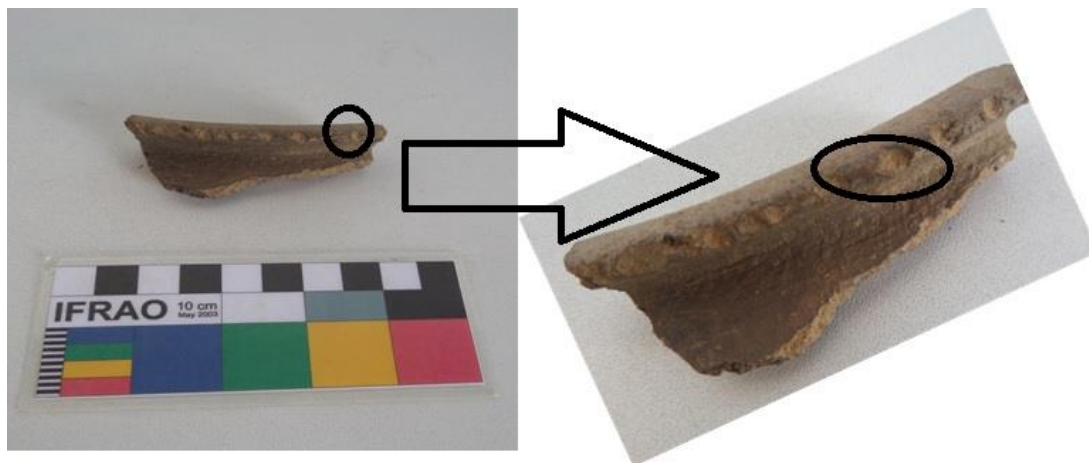


FIGURA 24 – BORDA COM DECORAÇÃO ENTALHADO NO LÁBIO.

Além disso, observa-se em níveis diferentes duas bordas com possíveis furos, (Figuras 25 e 26), sugerindo reaproveitamento para cestaria, adaptação para suspensão, ou ainda, como provável peso de rede como Luna (2001) observou em alguns sítios. A borda (Figura 27) possui o furo completo deixando clara a presença desse provável tipo de técnica. Nesse fragmento é visível a marca de estrias de desgaste na face interna e um acabamento (alisado) com maior investimento na finalização¹⁶ o que nos mostra mais cuidado com o tipo de vasilhame nos levando a entender que foi produzido para ser mais durável.

¹⁶ O antropólogo Claude Levi-Strauss (1936) chamou atenção para o acabamento de artefatos cerâmicos Jê do Brasil Central como características distintivas da cultura material desses grupos, contrastando inclusive com a simplicidade.



FIGURA 25- FRAGMENTO DE BORDA COM POSSÍVEL FURO.



FIGURA 26 - CERÂMICA COM QUEBRA, REMONTADA, EM PARTE, EM LABORATÓRIO. NA QUEBRA É POSSÍVEL OBSERVAR O PROVÁVEL FURO.



FIGURA 27 - DETALHE DO PROVÁVEL FURO DO FRAGMENTO DE BORDA DA FOTO ANTERIOR.

A falta de diligência em alguns fragmentos também foi algo notório nas análises. Pode-se observar fragmentos sem nenhuma decoração (Figura 28) e bordas com lábios “mal retocados” (não retilíneos, possuindo sinuosidades). Característica esta também observada na coleção do Sítio Cipó localizado no Baixo São Francisco no município de Piranhas - AL. Nesse sítio, notou-se muitas vezes vasilhas sem muito zelo, confeccionadas aparentemente às pressas provavelmente para uso cotidiano, com formas simples e globulares, acarretando em vasilhas com bordas não retilíneas e com várias ondulações e diferentes espessuras em um mesmo vaso (SCHUSTER, 2018).



FIGURA 28 - BORDAS MAL RETOCADAS NÃO RETILÍNEAS, POSSUINDO SINUSIDADES.

Como já visto nos gráficos expostos neste trabalho em muitos fragmentos a caracterização da técnica de manufatura não foi definida e nos trazem algumas incertezas. Porém tal indefinição nos remete a uma possível técnica manufatura modelado, ou talvez a uma combinação de manufaturas. Características estas também realizadas no sítio Cipó (SCHUSTER,2018).

De uma forma geral, as cerâmicas do Vitória Régia I nos mostram ser pouco espessas, de espessura variando de 3mm a 15mm e alteração tênue na pasta, possuindo quartzo e mica com grãos de até 0,5-2mm em concentrações uniformemente moderadas em toda coleção, poucos fragmentos combinaram caco moído, feldspato em seu tempero. Raros são os grãos de quartzo de granulometria caracterizado quartzo arredondado. O alisamento é algo a destacar, mesmo as cerâmicas de produção mais simples, geralmente são bem alisadas. Algumas possuem marcas de alisamento em suas faces, onde os fragmentos lisos são bem alisados, ou quando decorados na face externa, a sua face interna possui um bom alisamento. A união de tratamentos de superfície é presente nos fragmentos cerâmicos da coleção, onde encontramos junção de tratamento de superfície liso com roletado, liso com inciso. A coleção também apresenta roletado ou inciso na parte superior próximo a borda.

Um vestígio que causa discussões nos pesquisadores é o fragmento de bolota de argila, na coleção restrito à ocorrência de 1 fragmento, no nível 6. Existem hipóteses (FACCIO, 2011, p. 282) sobre este tipo de material, as quais mostram que estes possam ter sido suportes para fogueiras, tremps. Em sítios arqueológicos Guarani do Baixo Parapanema, são comuns esses fragmentos de bolota como suporte de panela. Entretanto, a bolota do sítio Vitória Régia I não possuía marca de que tenha sido utilizada como suporte. Outra possibilidade seria de que a bolota estaria ligada a uma área do sítio em que as cerâmicas eram produzidas. Para ambas as hipóteses a amostra é insuficiente para a realização de uma inferência mais sólida.

O tipo de queima encontrada na coleção do sítio não sofre grande alteração ao longo dos níveis, sendo em sua maioria queima incompleta, com núcleo escuro. A exceção, como vimos aparece no nível 1, quando surgem cerâmicas bem queimadas. São poucas as bases da coleção, um total de 5, onde 1(uma) é plana e 4 (quatro) são convexas, estas foram remontadas e difíceis de serem análises por completo, devido a ausência de ângulo. Assim como no sítio Cipó (SCHUSTER, 2018), essa baixa quantidade de bases parece remeter a uma indústria que possui predominância de bases convexas, difíceis de serem identificadas devido à ausência de ângulo.

NOVA LUZ SOBRE O BAIXO SÃO FRANCISCO

Embora o presente trabalho não tenha se ocupado da reconstituição dos vasilhames é possível notar como fragmentos de borda do sítio vitória Régia I (Figura 29) guardam semelhanças com o material arqueológico analisado por Schuster (2018) no sítio Cipó (Figura 30) que por sua vez pôde ser associado à cerâmica indígena Xokó. Trata-se de algo a ser melhor explorado. Fato é que o presente estudo identificou – conforme descrito no capítulo anterior - que no nível superior do sítio passa a haver uma quantidade considerável de bordas extrovertidas.



FIGURA 29 - FRAGMENTO DE BORDA EXTROVERTIDA - FOTOGRAFIA PARA MAIOR DETALHE.

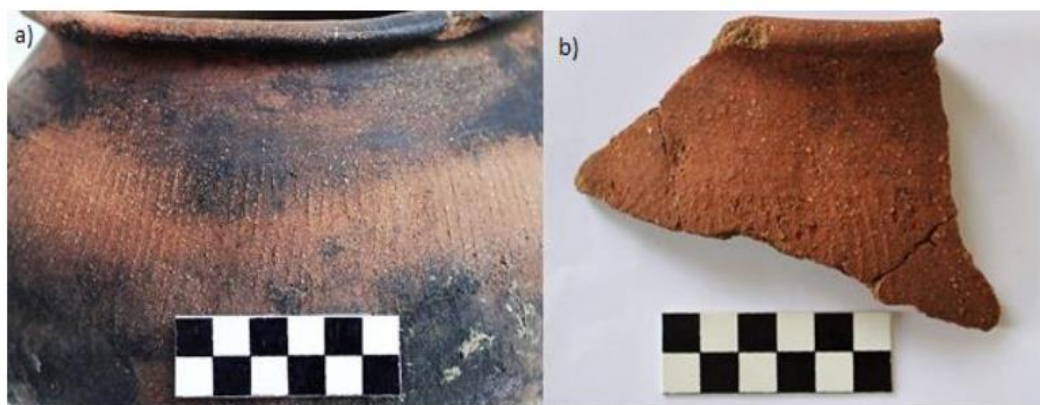


FIGURA 30 – FOTOGRAFIA POR SCHUSTER(2018) DEMONSTRANDO SEMELHANÇA ENTRE A CERÂMICA INDÍGENA XOKÓ(A) E A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DO SÍTIO CIPÓ(B).

Em termos de reconstrução, para o sítio Vitória Régia I, aguardamos o trabalho em andamento de Moisés Leão (pesquisador do LAPSO). Assim como dos demais colegas anteriormente citados puderam também contribuir para uma construção de um quadro classificatório geral para a cerâmica região do baixo São Francisco, que até hoje aguarda uma classificação e em termos de Tradição e fase (ALMEIDA; KLÖKLER, 2016).

O material cerâmico do sítio Vitória Régia I possui elementos unificadores em relação a outros sítios cerâmicos situados na região de Xingó. Os sítios Justino (LUNA; NASCIMENTO, 2002; DANTAS; LIMA, 2014), São José I e II (LUNA e NASCIMENTO, 2000), Jerimum (OLIVEIRA et al., 2005), Cipó (SCHUSTER, 2018), sítio Porto Belo I e II, Barracão entre outros, apresentam uma cerâmica muito semelhante à que foi aqui descrita (Cf. LUNA; NASCIMENTO, 2000 e 2002; VERGNE et al., 2006; DANTAS; LIMA, 2014).

Reforçando as pesquisas, Schuster (2018), explana em seu trabalho que a variabilidade de formas que fazem parte da coleção do Sítio Cipó pode nos indicar que, no decorrer do tempo, o grupo ali presente se aventurou a produzir diferentes vasilhames. Estes também podem ser fruto de trocas com grupos próximos, o que aponta um possível contato frequente com seus vizinhos, ideia corroborada pela provável presença de panelas Xokó e potes Kariri na análise morfológica do sítio Cipó. Assim, a autora reforça a hipótese de que os grupos Kariri e Xokó possivelmente foram fieis habitantes ou visitantes frequentes de muita estima a seus moradores, com quem mantinham relações (SCHUSTER, 2018). Tal possibilidade será

testada, dentro do contexto do sítio Vitória Régia I, pelos estudos morfológicos em andamento anteriormente mencionados.

Vê-se portanto, nestas novas pesquisas, uma positiva perspectiva de entender as coleções cerâmicas dos sítios da região são franciscana, para cada vez mais responder as lacunas que ainda nos cercam sobre os que ali habitaram. Buscou-se aqui oferecer mais uma peça para esse quebra cabeças.

CONSIDERAÇÕES

A área do Sítio Vitoria Régia I, nos dias atuais, é uma área inundada. O complexo (Vitória Régia I, II, III, IV) do qual esse sítio faz parte possui como registros a cultura material deixada, os relatórios de escavação e algumas poucas investigações feitas por pesquisadores. Este sítio arqueológico é um sítio com muito conteúdo quanto às coleções arqueológicas, porém carente de estudos sobre o mesmo. Para um melhor embasamento da pesquisa, foi aludido aqui como iniciaram as pesquisas no PAX, focando nos sítios cerâmicos localizados a montante da região, onde o Vitória Régia I está localizado, mas não deixando de lado os dados dos demais sítios do baixo São Francisco.

Sendo assim, buscou-se neste trabalho compreender a tecnologia dos ceramistas que habitaram a região a qual o sítio Vitória Régia I está localizado. Para que essa pesquisa fosse realizada buscou-se analisar as semelhanças e discrepâncias da coleção cerâmica ao longo do tempo, no decorrer das análises dos artefatos a cada nível estudado. Buscou-se um entendimento entre os antigos estudos e os mais recentes para assim compreender a cultura material, o estilo e tecnologia das coleções cerâmicas do baixo São Francisco, destacando a importância da compreensão da cadeia operatória para as investigações arqueológicas.

Com a análise tecnológica da coleção cerâmica do sítio Vitória Régia I, podemos entender que mesmo tendo uma grande quantidade de fragmentos com a técnica de manufatura não identificada, é notório uma linearidade na manufatura e decorações destas cerâmicas, as quais nos levam a refletir o modo de produção da comunidade que ali habitou. Ao final desse estudo, pôde-se indicar que foi no campo decorativo onde se encontrou a maior quantidade de variações ao longo do tempo. Isso, dentro de um contexto em que os estilos se mostram similares em todos os níveis, como por exemplo o inciso largo e o roletado, presentes na maioria dos níveis. Conseguimos dividir a tecnologia do Vitória Régia I, em dois possíveis momentos. Assim, do mais antigo para o mais recente, destacamos um primeiro momento, onde a decoração plástica se destaca com o uso da técnica do escovado elaborados. Cohabita com o exciso, inciso, incisos em grega, ponteados. Uma cerâmica de pasta tênue e sem mudanças bruscas no tipo de queima. Em um segundo momento, nos 5 níveis superiores, percebe-se que diminui a preocupação para a realização materiais decorados, e sim para um bom alisamento. Isso, ao mesmo tempo em que a densidade do material aumenta. O que nos

remete a entender que nesse momento a ideia da comunidade para com a sua produção cerâmica fosse algo funcional, resistente e bem acabado, com destaque para as marcas de alisamento .

Podemos concluir que a análise tecnológica realizada na coleção do sítio Vitória Régia I constatou que este sítio possui uma grande fonte de cultura material que tem muito para nos informar sobre o povoamento da região. Os dados do PROBASÃO, cada vez mais, estão possibilitando a busca por novos significados para a história dos grupos que povoaram o baixo São Francisco. É de grande importância destacar aqui que esta pesquisa é o início de um novo olhar para a cerâmica da região, especialmente para a compreensão do que podemos assimilar sobre o complexo Vitória Régia (I,II,III,IV). Este estudo foi só o início de projeções de pesquisas futuras, onde iremos ter mais hipóteses a serem testadas e/ou comprovadas para um melhor entendimento da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F.O.; KLÖKLER, D. M. **Do sertão para o Mar: A Fluidez de Pessoas, Ideias e Estilos Tecnológicos na História das Populações Ceramistas do Baixo São Francisco (AL-SE).** Projeto Científico.2016.

ALMEIDA, Fernando Ozorio de. **A Tradição Polícroma no alto rio Madeira.** 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ALMEIDA, Fernando Ozorio de. **O Complexo Tupi da Amazônia Oriental.** 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ALMEIDA, Fernando Ozorio de; KATER, Thiago. **As cachoeiras como bolsões de histórias dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas.** Revista Brasileira de História, v. 37, n. 75, 2017.

BALFET, Hélène. **Observer l'action technique: des chaînes opératoires, pour quoi faire?.** 1991.

BLEED, Peter. **Trees or chains, links or branches: conceptual alternatives for consideration of stone tool production and other sequential activities.** Journal of Archaeological Method and Theory, v. 8, n. 1, p. 101-127, 2001.

CHMYZ, Igor. **Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica.** Arqueologia, v. 11, n. 1, p. 1-34, 1966.

CORRÊA, Ângelo Alves. Longue durée: história indígena e arqueologia. **Ciência e Cultura**, v. 65, n. 2, p. 26-29, 2013.

DANTAS, Vladimir José. **Pausa para um Banquete: Análise das marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé de São Francisco, Sergipe.** FÓRUM: Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 1, n. 01, 2013.

DELFORGE, Alexandre Henrique. **O sítio arqueológico Cerâmica Preta: estudo das técnicas e da cadeia operatória da cerâmica queimada em ambiente redutivo dos povos pré-coloniais praticantes da tradição cerâmica Aratu-Sapucai.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.2017.

FACCIO, Neide Barrocá et al. **Estudo da cerâmica do sítio arqueológico Alvorada, da região do Rio Aguapeí, estado de São Paulo**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 21, p. 275-292, 2011.

FAGUNDES, Marcelo. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FOGAÇA, Emílio. **Mãos para o pensamento: a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete, Minas Gerais, Brasil, 12000/10500 BP**. 2001. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GARCIA, Lorena Luana Wanessa Gomes. **Arqueologia na região dos interflúvios Xingu-Tocantins: a ocupação tupi no Cateté**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GARCIA, Lorena Luana Wanessa Gomes. **Paisagens do médio-baixo Xingu: arqueologia, temporalidade e historicidade**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

HENRIQUES JUNIOR, Gilmar Pinheiro. **Arqueologia regional da província cárstica do Alto São Francisco: um estudo das tradições ceramistas Una e Sapucaí**. 2012. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.

HOLANDA, Francisco Sandro Rodrigues et al. **Análise multitemporal e caracterização dos processos erosivos no Baixo São Francisco sergipano**. Revista Brasileira de Geomorfologia, v. 8, n. 2, p. 87-96, 2007.

KATER, Thiago. **O sítio Teotônio e as reminiscências de uma longa história indígena no Alto Rio Madeira**, Dissertação de Mestrado, Arqueologia, UFS, 2018.

KOOLE, Edward Karel Maurits. **Pré-história da província Cárstica do Alto São Francisco, Minas Gerais: A indústria lítica dos caçadores-coletores arcaicos**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica guarani**. Posenato Arte & Cultura, 1989.

LANDIM DOMINGUEZ J. M. & BRITCHA, A. **Estudos sedimentológicos a montante da UHE de Xingó. São Cristóvão: UFS/CHESF/PETROBRAS**, Relatório de Consultoria, Documento 04, 1997.

- LEITE, J. B. **Confecção da Carta Arqueológica do Estado de Sergipe com o Uso de Geotecnologias**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2016.
- LEROI-GOURHAN, André. **Evolução e técnicas: I-o homem e a matéria**. Lisboa, **Edições**, v. 70, p. 251, 1990.
- LÉVI-STRAUSS. C. **Contribuição para o estudo da organização social dos índios bororos**. Revista do Arquivo Municipal, Departamento de Cultura, São Paulo. 27,1936.
- LOPES, Rafael Cardoso de Almeida. **A tradição policroma da Amazônia no contexto do Médio Rio Solimões (AM)**. Dissertação de Mestrado, Arqueologia, UFS, 2018.
- LUNA, S. **As pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no Nordeste do Brasil**. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, n. 8, p. 167-206, 2006.
- LUNA, Suely. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco–Brasil**. 2001. Tese de Doutorado. PhD Thesis, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Pós-graduação em História.
- LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. **Estudos da cerâmica arqueológica dos sítios São José 1 e 2 (Delmiro Gouveia - AL)**. Museu Arqueológico de Xingó, 2000.
- LUNA,S. **Os grupos ceramistas pré-históricos do Baixo São Francisco**. Clio Arqueologia,V 2,N 19, p 79-103,2005.
- LUNA,S. **Sobre as origens da agricultura e da cerâmica pré-história no Brasil**. Clio Arqueologia, 1 N 16, P 67-78,2003.
- MACHADO, Juliana Salles. **O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 15-16, p. 87-111, 2006.
- MACHADO, Juliana Salles. **Montículos Artificiais na Amazônia Central: Um estudo de caso do sítio Hatahara**. 2005. Tese de Doutorado.
- MARTIN, Gabriela. **O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco (Brasil)**. Clio-Série arqueológica-UFPE, v. 1, n. 13, p. 9-41, 1998.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Editora Universitária UFPE, 2013.
- MEGGERS, Betty Jane; EVANS, Clifford. **Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos**. Smithsonian Institution, 1970.

MELLO, Paulo JC. **Análise dos sistemas de produção e da variabilidade tecnofuncional de instrumentos retocados: as indústrias líticas a céu aberto do vale do rio Manso/MT.** Porto Alegre: PUCRS, 2005.

MELLO, Paulo Jobim Campos; VIANA, Sibeli Aparecida. **Possibilidades de interpretação da cadeia operatória de produção de instrumentos líticos-Sítio Pedreira (MT).** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 11, p. 109-124, 2001.

MENESES, U. T. B. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público.** Estudos Históricos. Revista Estudos Históricos, São Paulo, n. 21, 1998.

MILHEIRA, R. G. **Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste.** 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

MILHEIRA, Rafael Guedes; DE FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy; ALVES, Luana. **Perfil tipológico da indústria cerâmica Guarani da região sul de Santa Catarina.** Tempos Acadêmicos, n. 11, 2013.

MORAES, Claide De Paula. **Arqueologia na Amazônia Central vista de uma perspectiva da região do lago do Limão.** 2007. Tese de Doutorado.

NOELLI, Francisco Silva. **As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi.** Revista de antropologia, p. 7-53, 1996.

OLIVEIRA, A. Cláudia. **Abordagem teórica dos grupos pré-históricos ceramistas no Nordeste, Canindé** – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, MAX/UFS, v.01, p.09-36, 2001.

PARELLADA, Claudía Inês. **Tecnologia e Estética da Cerâmica Itararé-Taquara no Paraná.** Revista de Arqueologia, v. 21, n. 1, p. 97-111, 2008.

ROBRAHN-GONZDLEZ, Erika Marion. **Teoria e métodos na análise cerâmica em Arqueologia.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 8, p. 287-294, 1998.

RYE, Owen S. **Pottery technology: principles and reconstruction.** Taraxacum, 1981.

SALDANHA, João DM. Paisagem, lugares e cultura material: uma arqueologia espacial nas terras altas do sul do Brasil. **(Mestrado em História).** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, J. O. et al. **Estudo da tecnologia de queima de cerâmica arqueológicas por difratometria de raios X**. In: Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. 2013.

SCHIFFER, Michael Brian; SKIBO, James M. **The explanation of artifact variability**. *American Antiquity*, v. 62, n. 1, p. 27-50, 1997.

SCHUSTER, adriana jussara. **Variabilidade cerâmica do sítio cipó – al, xingó**. Monografia de Conclusão de Curso, UFS, 2018.

SELLET, F. **Chaîne opératoire: the concept and its applications**. *Lithic technology*, v.18 (1/2), pp. 106-112, 1989.

SILVIA, F.A. **Tipos cerâmicos ou modos de vida? Etnoarqueologia e as tradições arqueológicas cerâmicas na Amazônia**. p. 40-51. Livro: *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia, rumo a uma nova síntese*. Museu Paranaense Emílio Goeldi, 2016.

SOUSA-SANTOS, Carolina de. **OCUPAÇÕES CERAMISTAS NA CACHOEIRA CALDEIRÃO: IDENTIDADE, ESTILO TECNOLÓGICO E INTERAÇÃO NO MÉDIO ARAGUARI, AMAPÁ**. Qualificação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe. 2017.

SOUZA, S,O et all. **Datação de artefatos arqueológicos de Xingó por termoluminescência**. Canindé: revista do Museu de Arqueologia de Xingó, n 6,p. 139,2006.

SOUZA, Vanessa Santos et al. **Particularidades e similaridades do registro Rupestre da fazenda mundo novo em Canindé de São Francisco-SE**. 2013.

VERGNE, C. **Arqueologia do Baixo São Francisco: estruturas funerárias do Sítio Justino – região de Xingó, Canindé do São Francisco, Sergipe**. São Paulo, 2004. Tese de doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo.

VERGNE, Cleonice. **Os rituais funerários dos cemitérios—Dl e—Cl—Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Área arqueológica de Xingó, Sergipe**. Canindé: revista do Museu de Arqueologia de Xingó, n. 5, p. 11, 2005.

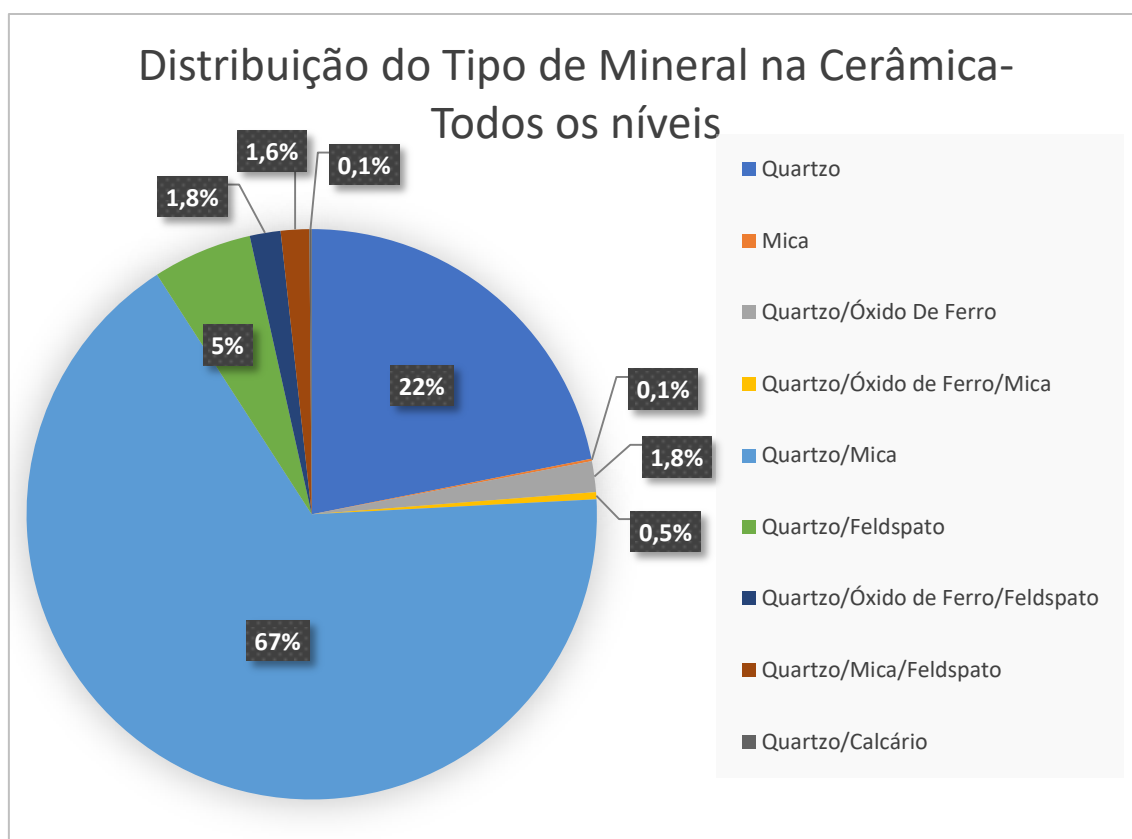
VERGNE, M.C.S. **Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico de Xingó**. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe/CHESF, 1998. (PAX)

VERGNE, Maria Cleonice. **Complexidade Social e Ritualidade Funerária em Xingó: Apontamentos Teóricos para Compreensão das Práticas Mortuárias do Sítio Justino, Canindé de São Francisco—SE**. Canindé (MAX/UFS), v. 9, p. 25-58, 2007.

WÜST, Irmhild. Continuidade e mudança: para interpretação dos grupos pré-coloniais na bacia do rio Vermelho, Mato Grosso. **São Paulo: Tese de doutorado (antropologia)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, 1990.**

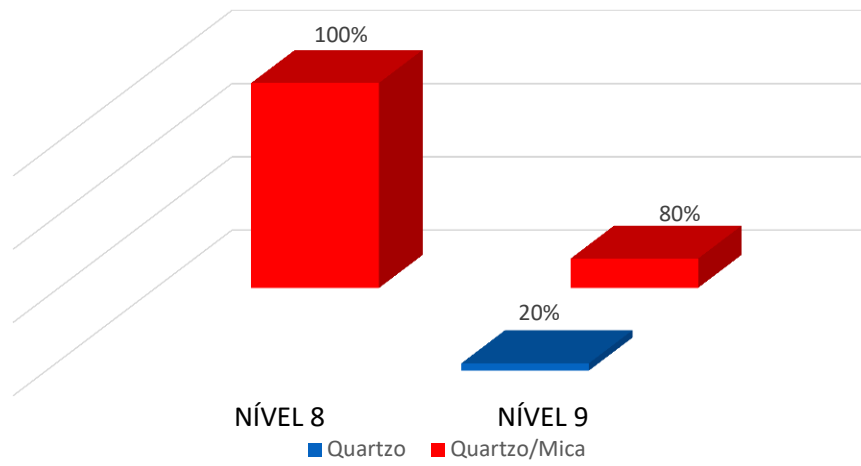
ANEXOS

Distribuição tipo de mineral por níveis¹⁷:

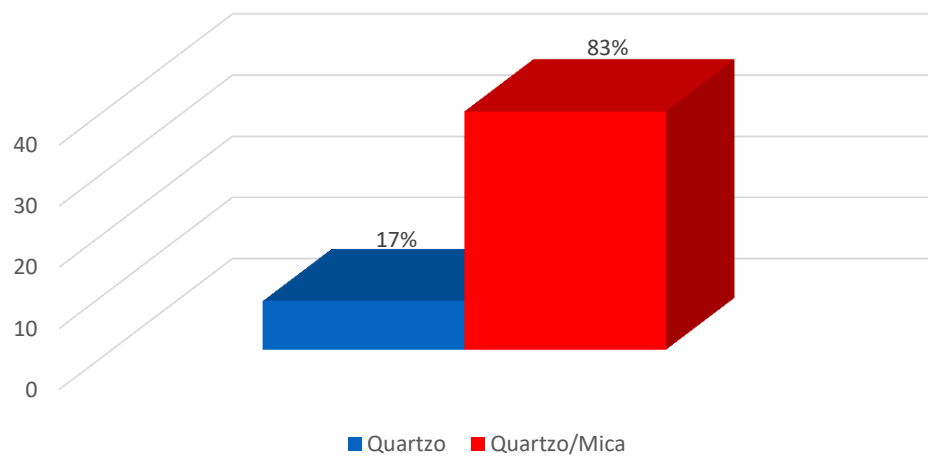


¹⁷ O nível 2 não foi analisado neste trabalho.

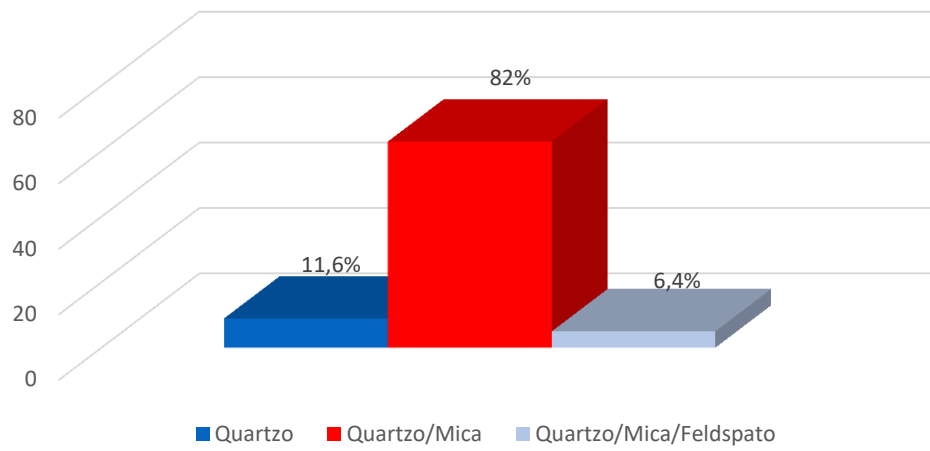
Distribuição do Tipo de Mineral na Cerâmica- Níveis 8 e 9



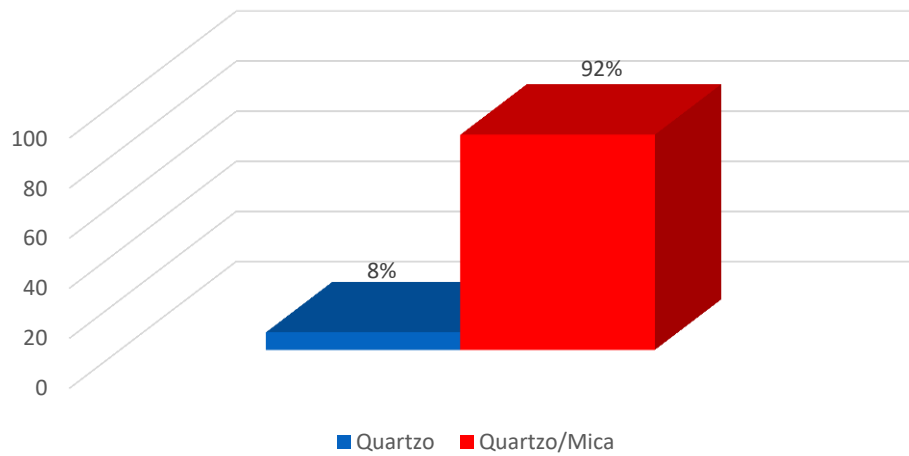
Distribuição do Tipo de Mineral na Cerâmica- Nível 7



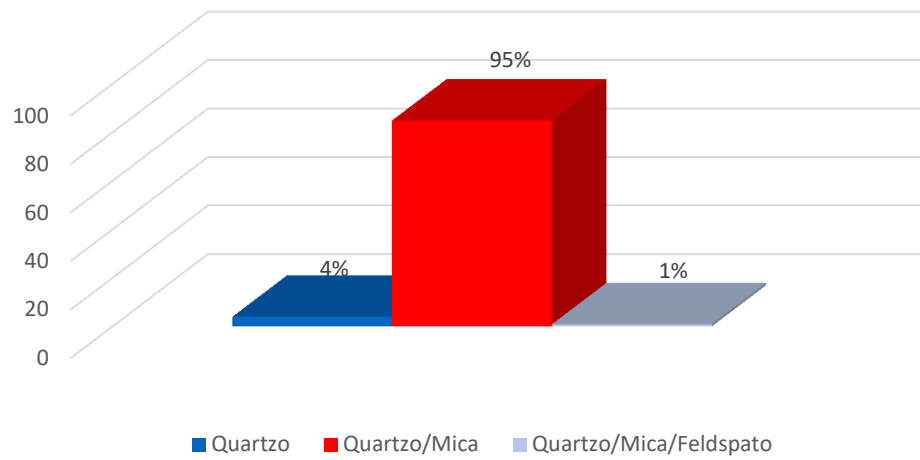
Distribuição do Tipo de Mineral na Cerâmica- Nível 6



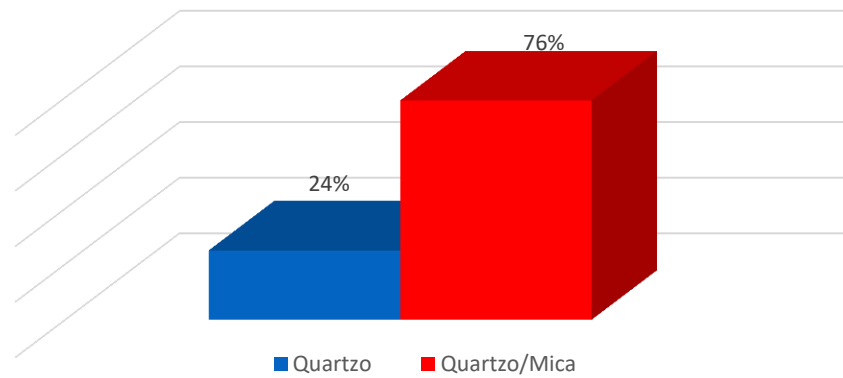
Distribuição do Tipo de Mineral na Cerâmica- Nível 5



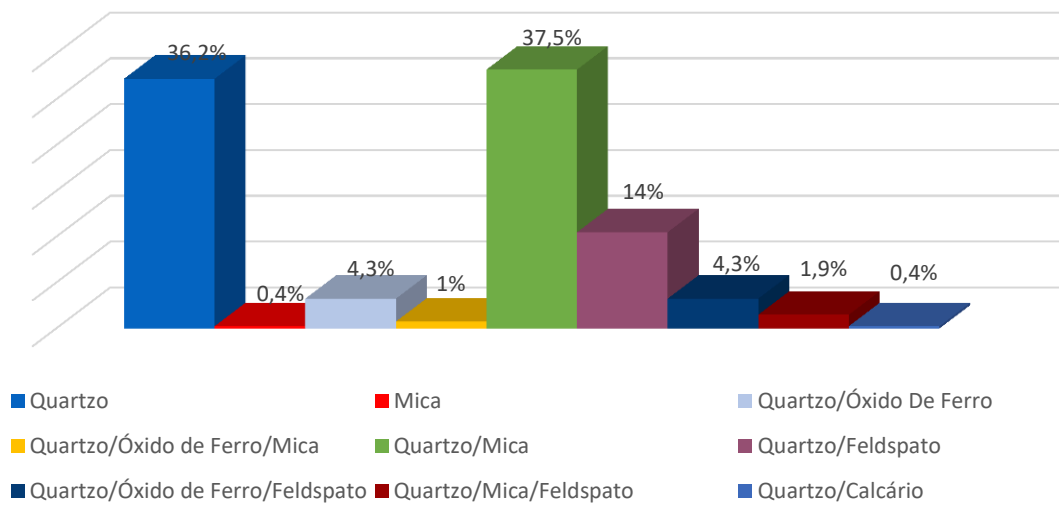
Distribuição do Tipo de Mineral na Cerâmica- Nível 4



Distribuição do Tipo de Mineral na Cerâmica- Nível 3

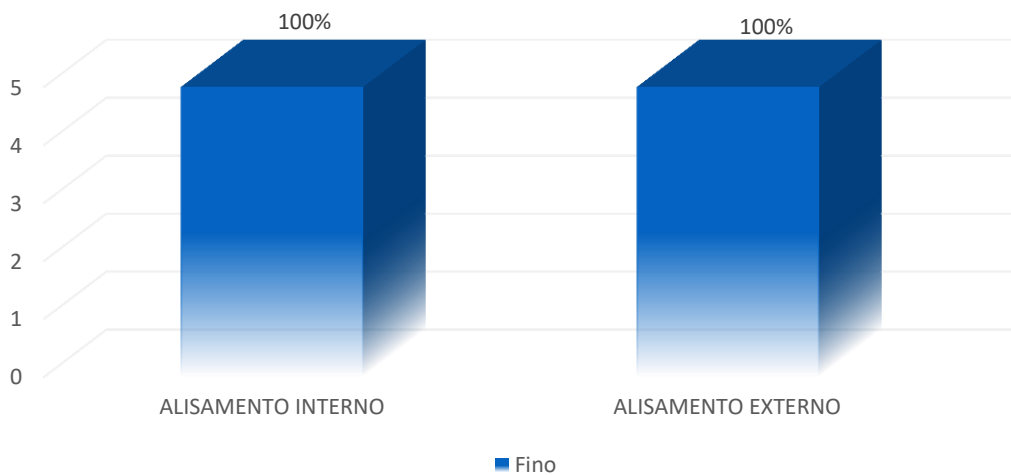


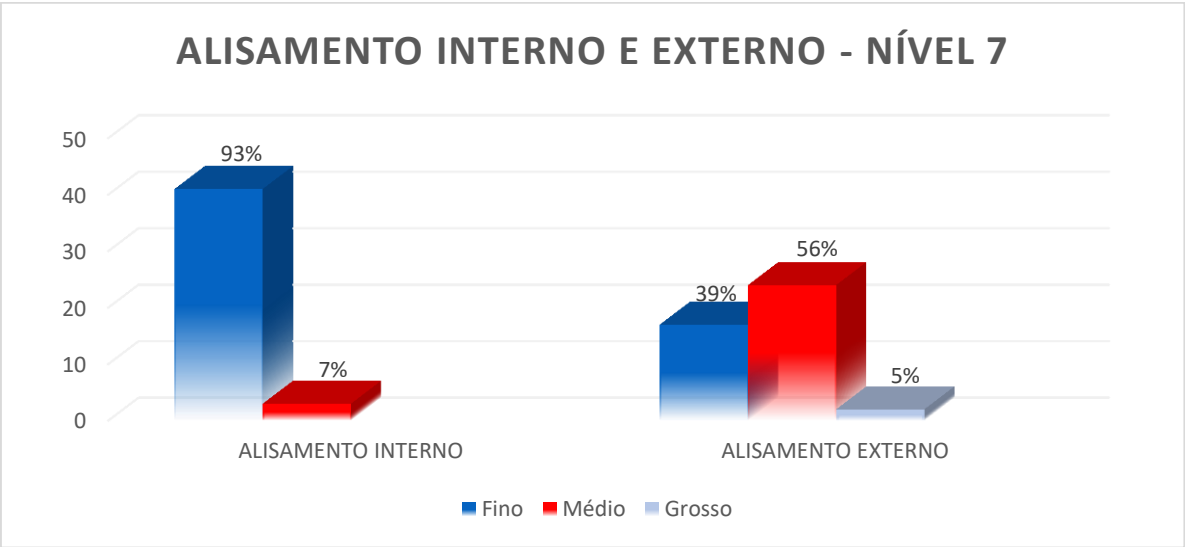
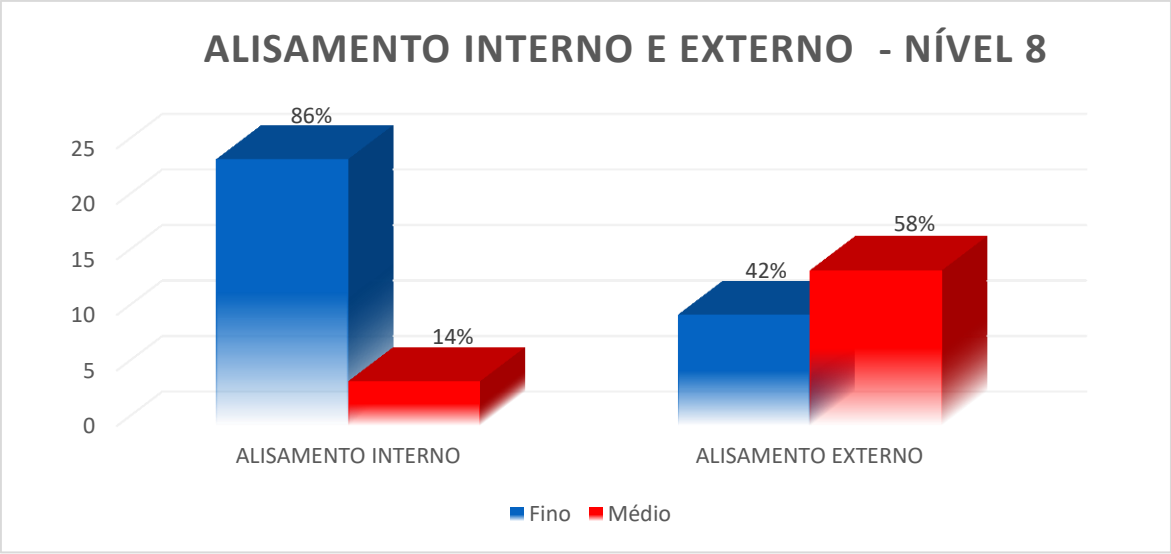
Distribuição do Tipo de Mineral na Cerâmica- Nível 1



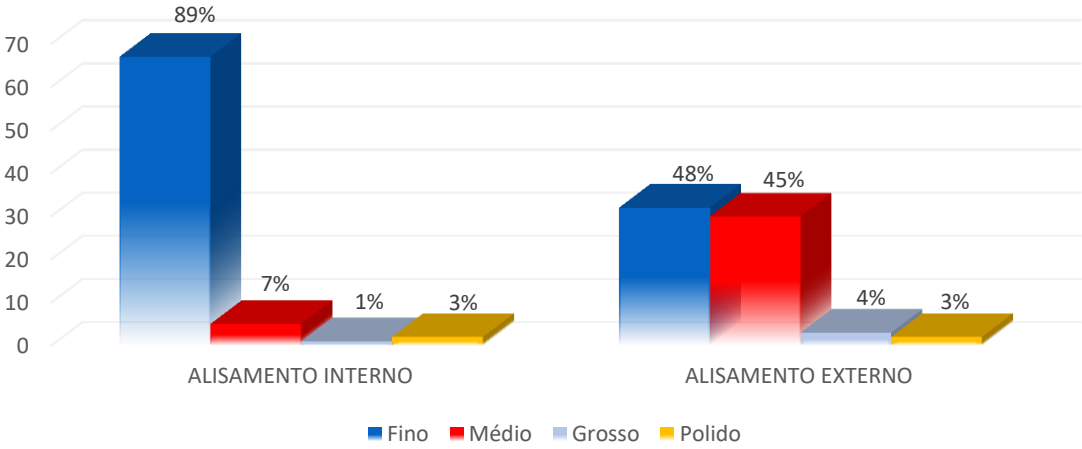
Gráficos com tipo de alisamento interno e externo por níveis:

ALISAMENTO INTERNO E EXTERNO- NÍVEL 9

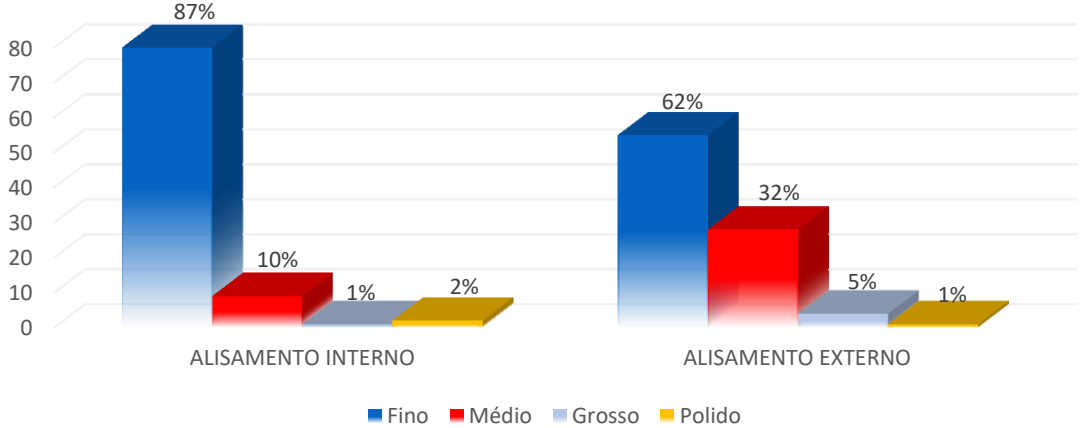


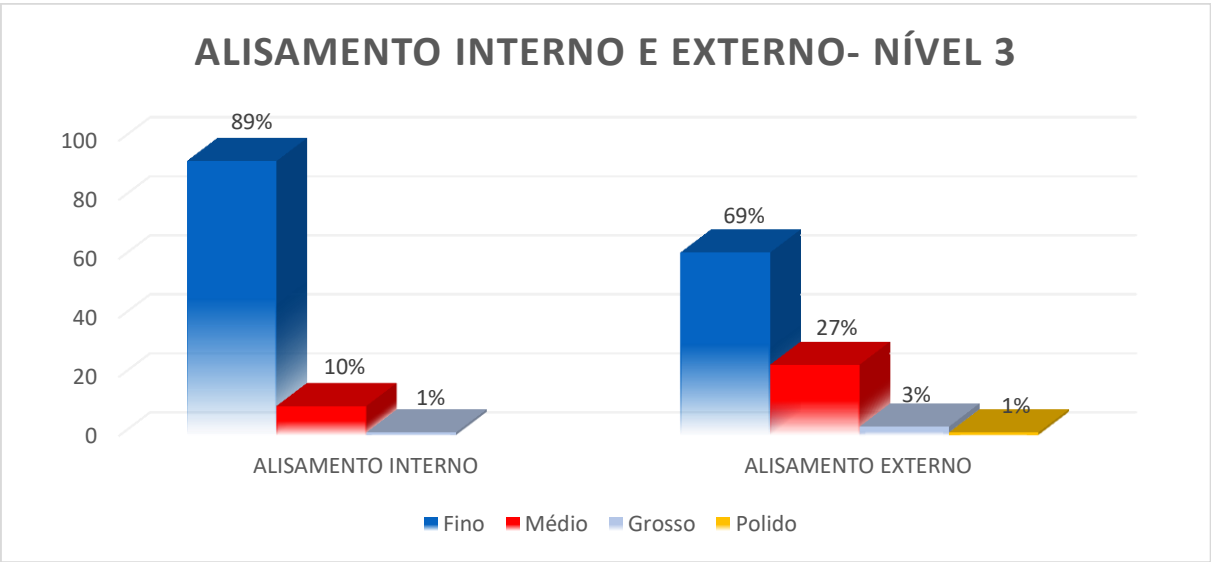
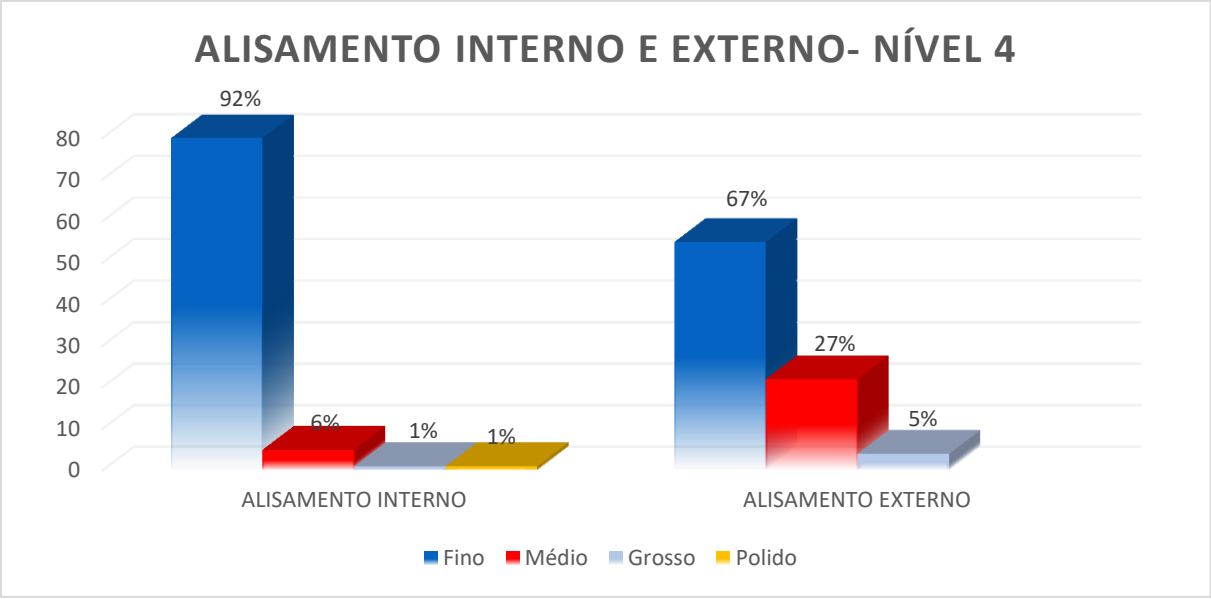


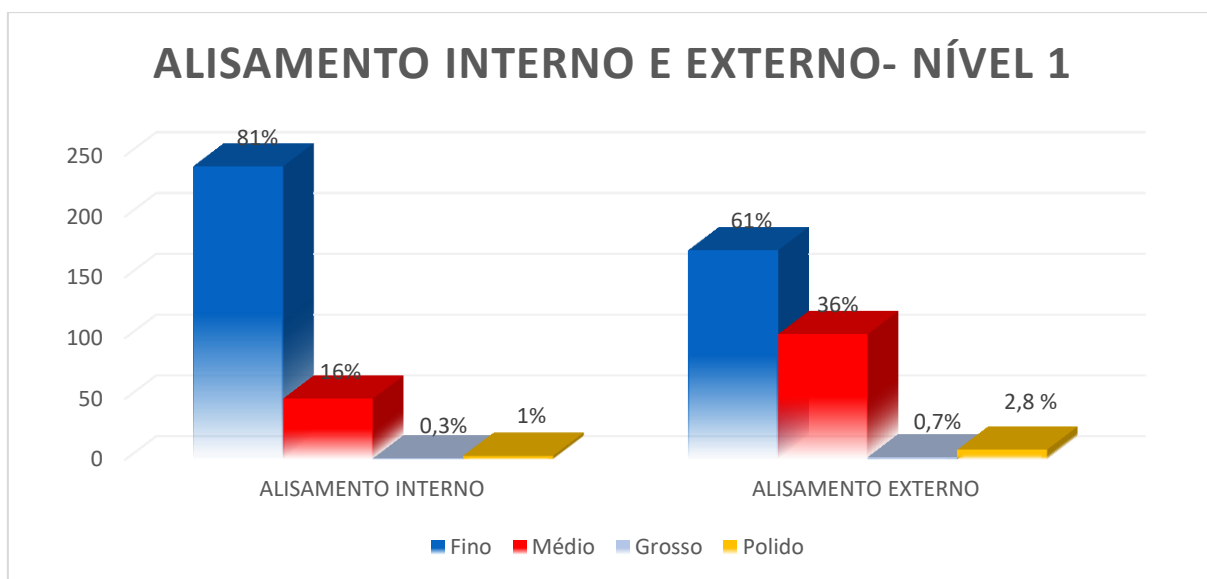
ALISAMENTO INTERNO E EXTERNO- NÍVEL 6



ALISAMENTO INTERNO E EXTERNO- NÍVEL 5







Dispersão dos motivos inciso/pintura nos níveis:

